



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Adriano Mendes da Fonseca

Ensino de História e memória: Educação
Patrimonial no município de Esmeraldas MG

Universidade Federal de Uberlândia

Agosto / 2022



Adriano Mendes da Fonseca

Ensino de História e memória: Educação Patrimonial no município de Esmeraldas
MG

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Uberlândia - ProfHistória UFU, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História

Orientador: Professor Doutor Jean Luiz Neves Abreu.

Uberlândia
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F676e Fonseca, Adriano Mendes da, 1977-
2022 Ensino de história e memória [recurso eletrônico] : educação patrimonial no município de Esmeraldas MG / Adriano Mendes da Fonseca. - 2022.

Orientador: Jean Luiz Neves Abreu.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória).

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.5067>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. História - Estudo e ensino. I. Abreu, Jean Luiz Neves, 1973-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória). III. Título.

CDU: 930:37

André Carlos Francisco
Bibliotecário - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, 2º piso, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4395 - inhis@ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Ensino de História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, 3, PPGEH				
Data:	vinte e seis de agosto de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	09h00	Hora de encerramento:	11h30
Matrícula do Discente:	12012HRN001				
Nome do Discente:	Adriano Mendes da Fonseca				
Título do Trabalho:	Ensino de História e Memória: Educação Patrimonial no Município de Esmeraldas/MG				
Área de concentração:	Ensino de História				
Linha de pesquisa:	Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Bases epistemológicas e políticas para a construção do currículo escolar de História brasileiro				

Reuniu-se, por meio de webconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ensino de História, assim composta: Professores Doutores: Jean Luiz Neves Abreu - INHIS/UFU, orientador do candidato; Ana Paula Spini - INHIS/UFU e Luiz Henrique Garcia - UFMG.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Jean Luiz Neves Abreu, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Jean Luiz Neves Abreu, Presidente**, em 26/08/2022, às 11:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Spini, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/08/2022, às 11:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Henrique Assis Garcia, Usuário Externo**, em 26/08/2022, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3790339** e o código CRC **7793DA1B**.

Ensino de História e memória: Educação Patrimonial no município de Esmeraldas
MG

Dissertação aprovada para obtenção do título de Mestre no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Uberlândia ProfHistória UFU, pela banca examinadora formada por:

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Orientador)

Profa. Dra. Ana Paula Spini (UFU)

Prof. Dr. Luiz Henrique Assis Garcia (UFMG)

Suplente: Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Júnior (UFU)

Suplente: Professora Dra. Rita Lages Rodrigues (UFMG)

Uberlândia 26 de Agosto de 2022

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Antônio e Norma e a minha irmã Carla, que me apoiaram incondicionalmente. Ao meu sogro Pedro, companheiro de viagem e conselheiro, a minha sogra Maria pelo carinho e apoio. A Flávia, minha esposa, e os meus três filhos Ana Luísa, Lucas e Gabriel pelo apoio e pela paciência nos momentos de ausências. Aos meus familiares e colegas de trabalho, pelo incentivo dado durante esta trajetória e aos meus queridos alunos das Escolas: Estadual “São Tomaz de Aquino” e Municipal “Zita Lucas e Silva” de Esmeraldas MG. A todos os colaboradores que “emprestaram” seu tempo para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A trajetória de uma formação continuada no Brasil, muitas vezes é uma aventura, principalmente para Professores da Educação Básica, que como eu, trabalham em dois cargos e ficaram muitos anos sem contato com a academia. O processo envolve muita dedicação, profissionalismo, amor, alegrias e tristezas. Reconheço que, na vida, não conseguimos chegar a lugar algum sozinhos. Agradeço e divido a alegria dessa formação com muitas pessoas, que comigo vibraram, choraram, sofreram e foram fundamentais nessa caminhada.

Das pessoas diretamente envolvidas na minha prática Profissional e no caminho do Mestrado Profissional em Ensino de História, do ProfHistória UFU tenho muita gratidão aos Profissionais e Professores da Universidade Federal de Uberlândia e aos colegas do Mestrado que me acolheram e me apoiaram incondicionalmente. É difícil sentir segurança estando a mais de 500 quilômetros de casa e na UFU me senti em casa.

Pela minha realização Profissional e pelo carinho e cumplicidade dos meus alunos, sou grato eternamente, nunca pisei em um chão mais maravilhoso que o da Escola e o da sala de aula. Toda formação acadêmica e profissional que eu conseguir será para eles e por eles, os meus alunos, sem exceção merecem o melhor do mundo, merecem minha total dedicação. Acredito que a única ferramenta capaz de promover igualdade, liberdade e fraternidade é a Educação.

Muita gratidão ao meu Psicólogo Bruno Petrocchi, que conseguiu me convencer que eu ainda era capaz de conquistar o sonho do Mestrado, que me apoiou e vibrou com cada conquista. A minha esposa e aos meus filhos, todo amor ainda é pouco pela gratidão que sinto. Sem a harmonia e paz em minha casa eu não conseguiria alcançar os objetivos. Ao meu Orientador Jean Luiz Neves Abreu minha gratidão pelas preciosas orientações e correções. A Professora Mara Nascimento, um anjo que atravessou o meu caminho, muito obrigado por todo apoio, pela paciência e pela brilhante coordenação do ProfHistória UFU, dividida com o Professor Gilberto Noronha. Enfim a todos que contribuíram direta ou indiretamente com esse sonho, serei eternamente grato e lutarei até o fim por uma Educação Pública de qualidade.

Não posso deixar de citar o trabalho dos cientistas e das Universidades que desenvolveram em tempo recorde as vacinas contra a COVID 19 e ao Sistema Único de Saúde que se responsabilizou pela vacinação no Brasil. Graças a essa celeridade milhões de vidas foram preservadas, apesar de uma onda negacionista ameaçar e atrasar o processo de vacinação, inclusive com a conivência do governo federal. Mais do que mestrandos, somos sobreviventes e teremos ainda mais responsabilidade em defender as Universidades públicas, o SUS e a ciência.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.” “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire.

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado é fundamentada na necessidade de aprofundamento dos estudos sobre Educação Patrimonial no Ensino Básico. Trabalharemos com o Município de Esmeraldas, tendo como primeira denominação Vila de Santa Quitéria, erguida nas primeiras décadas do século XVIII, nas rotas que ligavam a região aurífera, baseada na crença Católica à Santa portuguesa Quitéria, fundada com base no sistema de sesmarias, para atender a carência de abastecimento de alimentos das Minas Gerais. A região tem relevante contribuição para a cultura e patrimônio histórico do Estado de Minas Gerais e seu rico patrimônio é pouco explorado. Analisaremos neste trabalho parte do patrimônio histórico de Santa Quitéria, atual Esmeraldas, a partir da Praça da Matriz de Santa Quitéria, hoje Praça Getúlio Vargas. Destacaremos o legado dos primeiros povoadores e a relação da população com o patrimônio e sua ocupação da Praça pública em alguns contextos históricos. Como produto da pesquisa, desenvolvemos um site contendo fotografias, mapas e narrativas sobre o Centro Histórico, nos quais destacamos a formação da Vila de Santa Quitéria a partir do largo da praça, bem como o legado dos primeiros povoadores, além do que resta do patrimônio material e a relação da população com esse espaço público.

PALAVRAS - CHAVES

Ensino de História, espaços de memória, Patrimônio, Esmeraldas, Praça da Matriz de Santa Quitéria.

ABSTRACT

This Master's dissertation is based on the need to deepen studies on Heritage Education in Basic Education. We will work with the Municipality of Esmeraldas, having as its first denomination Vila de Santa Quitéria, built in the first decades of the 18th century, on the routes that linked the gold-bearing region, based on the Catholic belief to the Portuguese Saint Quitéria, founded on the sesmarias system, to meet the shortage of food supply in Minas Gerais. The region has a relevant contribution to

the culture and historical heritage of the State of Minas Gerais and its rich heritage is little explored. We will analyze in this work part of the historical heritage of Santa Quitéria, current Esmeraldas, from Praça da Matriz de Santa Quitéria, today Praça Getúlio Vargas. We will highlight the legacy of the first settlers and the population's relationship with the heritage and their occupation of the public square in some historical contexts. As a product of the research, we developed a site containing photographs, maps and narratives about the Historic Center, in which we highlight the formation of Vila de Santa Quitéria from the square, as well as the legacy of the first settlers, in addition to what remains of the heritage material and the population's relationship with this public space.

KEYWORDS

Teaching History, memory spaces, Heritage, Esmeraldas, Main Square Santa Quitéria.

SIGLAS

CDHIS UFU: Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia.

FETAEMG: A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais.

IEPHA/MG: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

MAE – Movimento Afro-Esmeraldense

SUS: Sistema único de Saúde.

UFG: Universidade Federal de Goiás.

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UFU: Universidade Federal de Uberlândia

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1: Educação Patrimonial e Ensino de História em Minas Gerais e no Brasil	21
1.1: Patrimônio, cidade e identidade	21
1.2. Educação patrimonial e ensino de história local	31
Capítulo 2: A Praça da Matriz e o Patrimônio: da Vila de Santa Quitéria a Esmeraldas	39
2.1: Da Vila de Santa Quitéria a Esmeraldas	39
2.2: O patrimônio material da Matriz de Santa Quitéria	47
2.3 :A Praça Getúlio Vargas: espaço público de festividades, convívio e disputas políticas, culturais e sociais	51
Capítulo 3 - Educação Patrimonial em Esmeraldas: O site como ferramenta de ensino, aprendizagem e de potencialização cultural e patrimonial	68
Considerações finais	79
Fontes em arquivos públicos	81
Fontes em sites e blogs	81
Fontes iconográficas	81
Referências Bibliográficas	86

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu a partir da constatação da escassez de trabalhos que visam a Educação patrimonial no Município de Esmeraldas em Minas Gerais, bem como, do pouco conhecimento que os munícipes em geral têm da História da Cidade. Como Professor de História da Educação Básica na rede Estadual e Municipal de Ensino há doze anos, exercendo ambos os cargos em Esmeraldas MG, desenvolvemos alguns projetos interdisciplinares vinculados ao Patrimônio Material e imaterial da Cidade. Motivou-nos o engajamento dos alunos nesses trabalhos, sobretudo de campo. No entanto, o pouco conhecimento desse patrimônio e de sua importância por parte dos discentes, nos inquietou.

Em parceria com a Casa de Cultura de Esmeraldas e a Secretaria Municipal de Educação, foram executadas formações de docentes para promover a integração desses educandos com o Patrimônio histórico de sua Cidade. Apesar dos esforços, o trabalho não foi aplicado nas Escolas, em razão da mudança de gestão Municipal e posteriormente a Pandemia de COVID 19. Entendemos que há riqueza de fontes e possibilidades de estudos, engajamento de alunos e Professores de História da Educação Básica, com o patrimônio Histórico e cultural de Esmeraldas.

Acreditamos amplamente em uma Educação Pública de qualidade, com o viés libertador, e nas relações horizontalizadas entre docentes e discentes. A Pedagogia da autonomia proposta por Paulo Freire nos apresenta uma metodologia democrática e eficiente para nós Professores, à relação de respeito, motivação, solidariedade e carinho sempre nos renderam bons frutos como Professor da Educação básica e nos impulsiona ao aprimoramento, a defesa da Escola Pública.

As reflexões para o desenvolvimento do trabalho surgiram nos espaços da Educação Básica onde acreditamos que há grande potencial de produção de conhecimento e de problematização por parte dos discentes. A importância da preservação do patrimônio histórico e cultural de uma região, a História e a memória são fundamentais para o conhecimento humano. Nossa

prática como Docente de História da Educação Básica nos impõe novos desafios cotidianamente.

O Município de Esmeraldas teve como primeira denominação Vila de Santa Quitéria, que foi erguida nas primeiras décadas do século XVIII, nas rotas que ligavam a região aurífera, baseada na crença Católica à Santa portuguesa Quitéria, fundada com base no sistema de sesmarias, para atender a carência de abastecimento de alimentos das Minas Gerais. A região tem relevante contribuição para a cultura e patrimônio histórico do Estado de Minas Gerais e seu rico patrimônio é pouco explorado. A obra referência de nossa pesquisa “Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas”, de Avelar Rodrigues é o único trabalho de fôlego da História local.

A delimitação do tema é orientada com base na formação da Vila de Santa Quitéria, a partir do largo da Praça Getúlio Vargas, onde se localiza a Igreja Matriz. Orientamo-nos a partir das transformações e permanências ocorridas no local entre os séculos XVIII e XX, além das relações sociais, culturais e de poder existentes nesse espaço público. Essa discussão sobre a memória patrimonial de Esmeraldas poderá contribuir para a ressignificação do valor Histórico do Município e de seu Centro Histórico. Atualmente por não haver grande conhecimento e divulgação da História da antiga Vila de Santa Quitéria, a cidade ficou estigmatizada como dormitório de sitiantes e local de extração de areia. A região de Esmeraldas faz parte da rota de exploração turística “Verde trilha dos Bandeirantes¹”, apesar disso, não há nem mesmo grandes iniciativas que fomentem o incentivo ao turismo Histórico na região.

Entre algumas das fontes primárias da pesquisa estão a Igreja Matriz de Santa Quitéria, que foi demolida e reconstruída por algumas vezes desde o século XVIII, bem como os demais bens imóveis demolidos e os remanescentes. Além dos argumentos envolvendo riscos a integridade de transeuntes e frequentadores, uma hipótese que não deve ser descartada é que as demolições ocorriam a partir do interesse de proprietários e autoridades em acompanhar as tendências arquitetônicas mais recentes.

¹ Trilha turística criada pelo Governo de Minas Gerais em 2002 com intuito de explorar o Turismo nas regiões onde possivelmente serviram de rota para o Bandeirante Fernão Dias Paes Leme.

O largo da Praça Getúlio Vargas no Centro de Esmeraldas abriga os poderes constituídos do município, entre os quais, a Igreja, a Prefeitura, o Fórum e a Câmara de vereadores. Na primeira metade do século XVIII, no contexto da formação da Vila de Santa Quitéria, o sesmeiro Antônio Barbosa Leão, proprietário das terras, construiu em 1735 uma Capela em honra da Santa portuguesa Quitéria. Ao redor da Capela, formou-se a Vila, de acordo com Avelar Rodrigues na obra “Esmeraldas: Uma contribuição a História de Minas”, nos arredores da Capela de Santa Quitéria ergueu-se um estabelecimento comercial e pouco a pouco um povoado, essas construções ocorreram a partir de ocupações ilegais, no entanto, não houve por parte da Igreja, proprietária das terras, força para conter os invasores. O largo da Praça passou por muitas transformações, no entanto, permanece dividido entre habitações e o polo comercial da região Central do Município, além de ser o espaço público das principais atividades sociais, culturais e políticas de Esmeraldas.²

Com o propósito de fomentar a educação patrimonial na cidade, desenvolvemos como produto desta pesquisa um site destinado a alunos e Professores da Educação básica, que reuniu fotografias dos usos e ocupações públicas da praça, de bens inventariados, registrados, reconstruídos, restaurados e demolidos. Parte do patrimônio da Praça Getúlio Vargas está em processo de inventariado, mas boa parte dele já se perdeu ou está decadente. As publicações de imagens, links e textos feitas no site têm por objetivo permitir acesso de toda a comunidade escolar, sobretudo nas aulas de História, às informações sobre a praça e sua relevância para a preservação da memória local. Desenvolvemos também propostas de atividades relacionadas à educação patrimonial.

Acreditamos que a Educação patrimonial inserida no Ensino Básico é uma alternativa capaz de grandes transformações, dessa forma são necessários trabalhos acadêmicos de fôlego, para disputarmos os espaços das narrativas. No momento, o que presenciamos é o discurso do mercado prevalecendo sobre o do Patrimônio e o da memória. Discutiremos também

² RODRIGUES, Avelar. *Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Líthera Maciel Editora Gráfica Ltda, 2000.

porque não houve um cuidado no município de Esmeraldas com o patrimônio material a ponto de grande parte do casario e da própria Igreja Matriz ter passado por processo de demolição, ao contrário do que aconteceu com algumas cidades setecentistas e oitocentistas de Minas Gerais, entre as quais, Ouro Preto, Sabará, Mariana e Diamantina, que têm boa parte do patrimônio preservado.

Os estudos históricos do período colonial em Minas Gerais são demasiadamente deslocados para os centros de exploração aurífera. Sobretudo Vila Rica, atual Ouro Preto, onde ocorreram movimentos como a Revolta de Felipe dos Santos (1720) e a Conjuração Mineira (1789). As cidades de Ouro Preto, Diamantina, Mariana, Tiradentes, São João Del Rei e Sabará, são algumas das quais os investimentos em restauro e preservação do Patrimônio Histórico e cultural são mais visíveis no Estado de Minas Gerais, sobretudo quando nos referimos à memória do período colonial.

A descoberta do ouro na última década do século XVII impulsionou um grande deslocamento populacional para a região mais tarde denominada Minas Gerais. As bandeiras paulistas couberam a grande façanha de encontrar metais preciosos na colônia. No entanto, nas primeiras décadas do século XVIII, com a necessidade de abastecer de alimentos a região mineradora, cada vez mais populosa, a implantação do sistema de sesmarias ampliou sobremaneira as atividades econômicas e as regiões povoadas da capitania de Minas Gerais. De acordo com Ângelo Alves Carrara “as peculiaridades da economia mineira, que permitiram a constituição precoce de um mercado de terras especialmente nas áreas próximas das zonas de mineração.”³

As regiões constituídas por sesmarias nas primeiras décadas do século XVIII foram preponderantes para o desenvolvimento de Minas Gerais e a atividade agropecuária se intensificou nas propriedades de sesmeiros. A Vila de Santa Quitéria, fundada na década de 1730, faz parte desse processo e constitui importante elemento patrimonial de Minas Gerais. Trabalhando na perspectiva da História Local, existe a preocupação de discutir a memória patrimonial da Cidade de Esmeraldas, principalmente o Centro Histórico. Uma

³ CARRARA, Ângelo Alves. “Contribuição para a História Agrária de Minas Gerais – Séculos XVIII – XIX”. Universidade Federal de Ouro Preto – Departamento de História – Núcleo de História econômica e demográfica, Série Estudos – 1, Mariana 1999, p. 14.

parte dos munícipes conhece fragmentos da História do município, a maioria tem pouco conhecimento ou identidade com os fatos que marcaram a formação do povoado e sua importância na História de Minas Gerais.

São inexistentes políticas públicas, municipais, estaduais ou federais que tivessem como objetivo investir conjuntamente em estudos para restauro do casario e demais patrimônios no Município de Esmeraldas, até mesmo as manifestações culturais da cidade estão sendo inventariadas muito recentemente, assim como o que resta do patrimônio material.

Para que possamos trabalhar de forma mais clara e bem fundamentada com a Educação Patrimonial no Município de Esmeraldas, pretendemos dialogar com alguns autores que discutem e problematizam o tema, além de guias elaborados pelo IPHAN Instituto *do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* e em parceria com o Museu Imperial. Alguns autores que trabalham com história, imagem e fotografia nos fornecerão a base teórica para a fundamentação do produto.

O Município de Esmeraldas com o potencial histórico patrimonial que possui, produz grande demanda na formação de futuros conservadores. Dessa forma, por vezes, nas aulas de História o espaço da sala de aula deverá ser diversificado, preparando os alunos para o reconhecimento histórico do local onde vivem. Isso passa por uma discussão bibliográfica e iconográfica com os discentes. A Historiadora Ana Maria Mauad faz análises indispensáveis para este projeto no que se refere ao uso da fotografia:

Em relação à capacidade da imagem visual instruir é importante enfatizar o seu aspecto indiciário. As imagens são pistas para se chegar a outro tempo, revelam aspectos da cultura material e imaterial das sociedades, compondo a relação entre o real e o imaginário social. Dessa forma, nos ensinam conteúdos sobre esse passado que só pode ser apreendido visualmente, numa nova forma de aprender, que implica num novo tipo de didática a qual valoriza a imagem visual como forma de conhecimento. Sem jamais esquecermos que o conhecimento não é neutro, sua produção implica na adoção de uma visão de mundo e de um sistema de valores. Assim, educar e instruir se tornam faces de um mesmo aprendizado.⁴

A autenticidade das fontes iconográficas se tornaram evidentes em vários campos, com a História não é diferente, no entanto, a contextualização é fundamental para os Historiadores, uma vez que possibilita melhor

⁴ MAUAD, Ana M.. *Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar - História da Educação*, v. 19, p. 81-108, 2015.

interpretação e problematização das imagens. As fotografias especificamente podem evidenciar ou ocultar parte importante de um determinado contexto, por exemplo, é possível que em uma coletânea de fotos de um casarão colonial brasileiro oculte-se a senzala e os instrumentos de açoite, para passar uma boa imagem dos antigos proprietários.

Os alunos da educação básica, adolescentes em geral, tem interesse em conhecer a história das cidades que se consolidaram como patrimônio histórico em Minas Gerais, entre as quais, destacam-se Ouro Preto e Diamantina. No entanto, acreditamos que falta a Esmeraldas ou a sua população se reconhecer enquanto parte do patrimônio histórico e cultural. No guia de Educação Patrimonial elaborado pelo IPHAN e pelo Museu Imperial os autores apontam que “o conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.”⁵

O contato direto dos Professores e dos alunos com o patrimônio histórico da Cidade de Esmeraldas MG, utilizando o site e executando visitas de campo, possibilitará a participação desses como atores sociais no processo de Educação patrimonial, bem como estabelecerá vínculo e identidade afetiva com a história local. O site se constitui como uma ferramenta dinâmica, com a possibilidade de construção coletiva a partir da inserção de novos elementos tais como, relatos e contribuições de docentes, discentes e da comunidade escolar em geral. Dessa forma, será válido para possibilitar aos alunos, familiares e Professores da Educação Básica o protagonismo no processo de construção da Educação Patrimonial no município de Esmeraldas MG.

A compreensão da importância dos bens materiais e imateriais em determinada região passa pelo conhecimento que os habitantes têm dos valores históricos desses bens. O conhecimento histórico patrimonial não desperta apenas a consciência preservacionista, mas aguça o interesse pela aquisição de novas habilidades e provoca muitas situações de aprendizado, que porventura acabam movimentando a região em torno da importância de

⁵ HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional/Museu Imperial, 1999.

seu patrimônio. A Educação Patrimonial e as abordagens sobre patrimônio Histórico local no espaço escolar do ensino público é pouco difundida. É perceptível no Município de Esmeraldas em Minas Gerais a pouca identificação dos alunos do Ensino básico com o patrimônio histórico e cultural da cidade. O grande objetivo da difusão da Educação Patrimonial está na constituição dos espaços de diálogo com o Ensino de História na Educação Básica, oportunizando aos estudantes instrumentos de informação e comunicação sobre o patrimônio local, aguçando o interesse e a curiosidade das crianças e adolescentes.

Atualmente artigos de grande relevância foram publicados com foco na história local. Cidades mineiras envolvidas com a mineração direta ou indiretamente no período colonial estão envolvidas em alguns desses estudos, Weigson Fernando Ribeiro Lopes e Márcio Eurélio Rios de Carvalho fazem um importante estudo sobre a cidade de Campanha no Sul do Estado de Minas Gerais. Os autores destacam a dinâmica de persistência de preservação do patrimônio religioso do Município:

O imaginário religioso está entranhado no espaço urbano, materializando-se nas construções e nos eventos católicos, e reatualizando-se cotidianamente na fé dos cristãos. Em discrepância a essa onipresença da religião na localidade, ela ainda não mereceu um tratamento adequado pelos historiadores locais. Fontes legislativas do município, sobretudo aquelas relacionadas ao inventário e tombamento dos bens culturais, e reunidas, sobretudo, no *Plano de Inventário e Relatório de Execução do Inventário de Proteção do Patrimônio Cultural* constituem iniciativa de mérito, não estando, todavia, isentas de análise e crítica dos estudiosos.⁶

Nos últimos anos, é perceptível maior preocupação, sobretudo no espaço da Historiografia, com a Educação Patrimonial, com a História Local e com a difusão dessas discussões nos espaços da Educação Básica. Muitos trabalhos relevantes foram publicados nas últimas duas décadas, o que cabe aos novos Historiadores é se apropriarem da riqueza desses estudos e contribuírem com o enriquecimento das narrativas. A aproximação entre o ensino acadêmico de história e o ensino básico tem promovido transformações importantes já em curto prazo, com projetos de grande engajamento o ProfHistória, Mestrado Profissional em Ensino de História, tem participação

⁶ RIBEIRO, Weigson Fernando e CARVALHO, Márcio Eurélio Rios. "O Poder Eclesiástico em Campanha (MG) e a Persistência do Patrimônio Edificado Religioso (1739-1825)". Cadernos de Pesquisa do CDHIS v.33 | n.1 | jan./jul. 2020.

fundamental nesse processo, que trará grandes mudanças em médio e longo prazo. O papel da historiografia é fundamental na preservação patrimonial e como aponta o Historiador Jaques Le Goff: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.”⁷

No primeiro capítulo discutimos e problematizamos vários autores que abordam o Patrimônio Cultural, e o Ensino de História, além da História local e a Educação Patrimonial em Minas Gerais e no Brasil. Essas discussões nos possibilitaram compreender as grandes perspectivas e diversos projetos bem sucedidos no campo da Educação Patrimonial. Para as autoras do guia Educação Patrimonial do IPHAN e do Museu Imperial elaborado em 1999:

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e seus produtos e manifestações, que despertem nos alunos o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva. O patrimônio cultural e o meio-ambiente histórico em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles.⁸

A historiografia brasileira a partir de fins do século XX e início do XXI nos proporciona variedade de estudos, e o campo da História Pública tem relevante contribuição aos Historiadores e Professores de História da Educação básica, no que se refere à disputa de narrativas e a ocupação dos espaços públicos pelo Ensino de História. Na primeira metade da década de 2010, o Mestrado Profissional em Ensino de História, promoveu significativa aproximação entre o Ensino de História na Educação Básica com a História acadêmica. A Educação Patrimonial a partir do Estudo do meio e da História Local acrescentaram elementos importantes nos esforços de um ideal preservacionista no Brasil. Esse processo de ressignificação no Ensino de História foi fundamental para nossa abordagem no município de Esmeraldas em Minas Gerais, e tem contribuído sobremaneira para estudos de grande relevância em todo Brasil.

⁷ LE GOFF, Jacques. História e memória. 7ª edição revista – Campinas, SP, Editora Unicamp, 2013, p. 477.

⁸ Idem, p. 6.

No segundo capítulo discutimos e problematizamos o Patrimônio Histórico e Cultural de Esmeraldas a partir do Largo da Praça Getúlio Vargas, local em que ocorre grande parte das relações políticas, sociais, religiosas e culturais do município e faz parte da Fundação da antiga Vila de Santa Quitéria. A Praça abriga prédios públicos onde se localizam as instituições dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, várias lojas comerciais, a Igreja Matriz da Padroeira do município, Santa Quitéria, além de atualmente haver um templo Neopentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus. Sobre o patrimônio material chama a atenção dos transeuntes um prédio abandonado e em ruínas no largo da praça. Esse prédio abrigou o Hotel São José, construído possivelmente em meados do século XVIII.

O comércio que predomina Largo da Matriz e as poucas residências são de famílias tradicionais da elite esmeraldense atual. No entanto, apesar de ser considerado por muitos um local elitizado, a Praça é frequentada por pessoas de diversas origens sociais e culturais que muitas vezes utilizam aquele espaço para manifestações e festas religiosas, culturais e sociais. As disputas e reivindicações relativas a políticas públicas são frequentes, haja vista a visibilidade dos poderes constituídos naquele espaço. Desde a fundação da Vila, a Praça atualmente denominada Getúlio Vargas constituiu espaço de disputas, nem sempre democráticas e inclusivas, por vezes tutelada, como discutiremos no segundo capítulo.

No terceiro e último capítulo nos dedicamos a apresentação do produto, fruto da pesquisa desenvolvida. Trata-se de um site contendo fotografias, mapas e narrativas sobre a Praça Getúlio Vargas em Esmeraldas, Minas Gerais. A Casa de Cultura do município possui importante acervo fotográfico do local e fizemos algumas fotografias da Praça e seu Patrimônio arquitetônico. Apresentamos a Praça pública em seus aspectos dinâmicos, de disputas e representações culturais. No site, traremos variedade de imagens fotográficas e diálogos de autores que ressaltam a importante contribuição das imagens no Ensino de História. Algumas obras de Ulpiano Bezerra de Menseses, Paulo Knauss, Ana Maria Mauad e Maria Eliza Linhares Borges foram preponderantes para a construção do terceiro capítulo. Segundo Ana Maria Mauad:

No Brasil, a virada pictórica pode ser avaliada no campo dos estudos históricos pela produção de dois autores: Ulpiano Bezerra de Menseses e Paulo Knauss. O primeiro avalia a forma como a imagem vem sendo trabalhada nas ciências sociais, diferenciando o uso que essas disciplinas fazem da imagem, de acordo com os problemas de cada campo. A principal crítica consiste no fato de que, em quase todas as perspectivas, a imagem só é tratada unilateralmente, quer como signo de algo, quer como evidência de algo que lhe é exterior. Ele não só propõe que a imagem seja analisada como um artefato da cultura visual que possui biografia e universos próprios como também atesta que suas práticas culturais sejam relacionadas ao visual, à visão e ao visível. Já o segundo autor defende que, para serem trabalhadas na história, as imagens não devem ser tratadas como prova de algo que lhes antecede. A existência das imagens, em momentos diferentes da história humana, causa problemas ao historiador, provocando-o a explicar a existência delas por meio do estudo da sociedade que as produziu, consumiu e preservou, como também a abordar os modos de ver e de pensar a imagem. Essa tarefa implica superar a epistemologia da prova, quando o documento se impõe pela objetividade daquilo que apresenta e representa, deixando de lado a sua própria trajetória ao longo do tempo.⁹

A análise proposta por esses autores nos possibilitou a construção do site a partir de uma nova e relevante abordagem sobre o uso das imagens no Ensino de História. Consideramos que o produto elaborado poderá contribuir com inovações para a Educação Básica e com o aprimoramento da Educação Patrimonial. Além das imagens e a biografia delas, o site conta com um mapa que visam contribuir com o conhecimento geográfico e turístico dos Alunos e Professores em seu município e fornecerá subsídios para os docentes em História para o planejamento de futuros trabalhos de campo e demais trabalhos interdisciplinares envolvendo a Educação Patrimonial.

Em nossa pesquisa pretendíamos desenvolver trabalhos de campo com os alunos e a partir dessa experiência construir um blog dentro da perspectiva da memória afetiva dos discentes. No entanto, em decorrência da Pandemia de COVID 19, as aulas presenciais ficaram suspensas entre Março de 2020 e Novembro de 2021. A partir da impossibilidade dos trabalhos de campo, desenvolvemos o site que será uma ferramenta dinâmica com constantes contribuições a partir da Educação Patrimonial no Município de Esmeraldas MG, podendo receber contribuições de futuros trabalhos voltados à História local.

⁹ MAUAD, Ana Maria. "Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas". Dossiê Revista Maracanan vol. 12, n.14, p. 33-48, jan/jun 2016 ISSN-e: 2359-0092 DOI: 10.12957/revmar.2016.20858. P. 37 e 38.

CAPÍTULO 1: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA EM MINAS GERAIS E NO BRASIL

1.1 - Patrimônio, cidade e identidade: Educação patrimonial e possibilidades no ensino de História.

Para muitos Historiadores, a Educação Patrimonial é um poderoso instrumento de “alfabetização cultural” capaz de promover as grandes massas como protagonistas da História das cidades. Identificar-se com o patrimônio e defender sua preservação passa necessariamente pelo sentimento de pertencimento e construção coletiva da História Local. Em trabalho desenvolvido por Maria de Lourdes Parreira Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queirós Monteiro, apontou-se a função didática da Educação Patrimonial:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.¹⁰

No campo da Educação Patrimonial, concluiu-se que só é possível conseguir bons resultados, quando o aluno percebe o seu lugar na história e estabelece vínculo com o patrimônio local. Esses aspectos tem papel preponderante na conexão de crianças e jovens com as suas raízes históricas, com sua identidade, com as representações capazes de identifica-los com o lugar onde vivem e possivelmente onde viveram seus antepassados. A partir do entendimento do Patrimônio Histórico e cultural os alunos passam a compreender também as relações políticas, culturais e sociais constituídas naquela região e esse deve ser o papel da produção de conhecimento no

¹⁰ HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional/Museu Imperial, 1999, p.4.

Ensino de História e só é possível conseguir bons resultados, quando o aluno percebe o seu lugar na história e estabelece vínculo com o patrimônio local. Em novo guia de Educação Patrimonial elaborado pelo IPHAN em 2014 faz-se a seguinte defesa:

Qualquer que seja a ação implementada ou o projeto proposto, sua execução supõe o empenho em identificar e fortalecer os vínculos das comunidades com o seu Patrimônio Cultural, incentivando a participação social em todas as etapas da preservação dos bens. Nesse processo, cabe aos poderes públicos exercer o papel de mediador da sociedade civil, contribuindo para a criação de canais de interlocução que se valem, em especial, de mecanismos de escuta e observação.¹¹

Inevitavelmente o ensino de História na Educação Básica tem papel preponderante nessa conexão das crianças e jovens com os bens patrimoniais e a sua ressignificação ao longo da História. A partir do entendimento do Patrimônio Histórico e cultural os alunos passam a compreender também as relações políticas, culturais e sociais constituídas naquela região e esse deve ser o papel da produção de conhecimento no Ensino de História. Gisane Souza Santana e Maria de Lourdes Netto Simões apontam o que é possível desenvolver a partir da compreensão do papel da memória na construção de uma identidade do sujeito com a História Local, ou seja, o sentimento de pertencimento ao patrimônio:

Perceber a identidade como processo que emerge de atributos culturais é crucial, portanto, para a compreensão do papel que as representações têm na edificação dos sentidos que compõem as identidades. Assim, é possível dizer que só a partir da representação será possível conceituar a identidade explicando sua importância nas sociedades contemporâneas, nos domínios cultural e social. Nesse contexto, a cultura, enquanto expressão da produção de bens simbólicos que definem as identidades surge como uma síntese de representações capazes de produzir as identificações dos sujeitos com o meio no qual está inserido.¹²

¹¹ IPHAN. *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional, 2014.

¹² SANTANA, Gisane Souza e SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. " Identidade, Memória e Patrimônio: A festa de Sant'Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA)." . *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 87-102, mai. 2015.

No Brasil, muito mais que em alguns países, a pluralidade cultural demanda a necessidade da quebra de paradigmas no que se refere à materialização excessiva do patrimônio. Trabalhar com a historicidade do patrimônio no país é algo desafiador, mas prazeroso, uma vez que, mesmo a cultura material está cercada de imaterialidade, de multiplicidade cultural. Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriano Queirós Monteiro discutem por meio de cartilha do IPHAN as múltiplas possibilidades da Educação Patrimonial no Brasil:

O Brasil é um país pluricultural que deve esta característica ao conjunto de etnias que o formaram e à extensão do seu território. Estas diversidades culturais regionais contribuem para a formação da identidade do cidadão brasileiro, incorporando-se ao processo de formação do indivíduo, e permitindo-lhe reconhecer o passado, compreender o presente e agir sobre ele. O Patrimônio Cultural Brasileiro não se resume aos objetos históricos e artísticos, aos monumentos representativos da memória nacional ou aos centros históricos já consagrados e protegidos pelas Instituições e Agentes Governamentais. Existem outras formas de expressão cultural que constituem o patrimônio vivo da sociedade brasileira: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares, revelam os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente de uma comunidade.¹³

Portanto, a reflexão necessária e obrigatória aos Historiadores e Professores de História que trabalham com a Educação Patrimonial é a de não se ater somente aos elementos culturais materiais ou imateriais relacionados a uma historiografia elitista, oficial, que tem caráter excludente e seletivo. Na Europa, apesar do ensino de História ocupar uma posição privilegiada na Educação no século XIX, a Historiadora Thais Nívia de Lima e Fonseca analisa que:

A afirmação das identidades nacionais e a legitimação dos poderes políticos fizeram com que a História ocupasse posição central no conjunto de disciplinas escolares, pois, cabia-lhe apresentar as crianças e aos jovens o passado glorioso da nação e os feitos dos

¹³ HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional/Museu Imperial, 1999, p.5.

grandes vultos da pátria. Esses eram os objetivos da Historiografia comprometida com o Estado e sua produção alcançava os bancos das Escolas por meio dos programas oficiais e dos livros didáticos, elaborado sob estreito controle dos detentores do poder.¹⁴

Em meados do século XX, com a aceleração da urbanização, o conceito de “cidade histórica” deu lugar a uma visão plural acerca do tema, a intensa ocupação e circulação de vários atores sociais e culturais nos espaços públicos originou o pensamento da Cidade como organismo vivo e dos monumentos como elementos vinculados a uma coletividade. Por mais que, em outros tempos esses monumentos tivessem vinculados a elementos elitistas e excludentes, a praça pública passou a ser ponto de encontro entre movimentos sociais e culturais, mesmo que essa ocupação tenha sido tutelada outrora, nos possibilita uma reinterpretação e ressignificação da historicidade do espaço público como lugar de memória. Sobre o envolvimento dos novos atores sociais no cotidiano da praça pública:

A aceleração da urbanização no decorrer do século XX fez com que a cidade histórica deixasse de ser pensada como um museu e passasse a ser compreendida como um tecido vivo, no qual se veem arquiteturas, praças, ruas, formas de sociabilidade; um espaço não homogêneo e articulado, mas um mosaico, muitas vezes sobreposto, que expressa tempos e modos diferenciados de viver. Essas mudanças de entendimento foram expressas em documentos da Unesco, mais particularmente na Convenção do Patrimônio Mundial de 1972, na qual se considerou patrimônio as obras do homem e da natureza e a importância de integrar esse patrimônio na vida coletiva e integrar sua proteção nos programas de planificação geral.¹⁵

Nas perspectivas almejadas com o aprimoramento da Educação Patrimonial no espaço da Educação Básica, o objetivo principal é a dinamização do olhar para o patrimônio, com o viés histórico, turístico, de produção de conhecimento, sobretudo, o autoconhecimento humano, o sentimento de pertencimento, o ser, o sujeito histórico, parte da história local. Marcelle Rodrigues Silva, Carlos Alberto Antunes do Carmo e Luan Barbosa Ribeiro apresentam um estudo de Turismo Escolar como parte de um projeto

¹⁴ FONSECA, Thais Nivia de Lima e. *História e Ensino de História*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 24.

¹⁵ ZANIRATO, Silvia Helena. *Patrimônio e identidade: Retórica e desafios nos processos de ativação patrimonial*. Universidade de São Paulo, DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v13i25p7-33>, 2018, p. 17.

de Educação Patrimonial na cidade de Itabirito em Minas Gerais. Os autores apontam um estudo da UNESCO de 1999:

Uma boa forma trabalhar a educação patrimonial é a execução de atividades de turismo educativo. Segundo a Carta Internacional sobre Turismo Cultural da Unesco, o turismo é uma força atuante na conservação natural e cultural e esta atividade traz benefícios às comunidades receptoras oferecendo a elas meios e motivações para cuidar e manter seu patrimônio e práticas culturais.¹⁶

A Educação Patrimonial e as abordagens sobre patrimônio Histórico local no espaço escolar do ensino público são aspectos pouco difundidos. É perceptível em Minas Gerais e no Brasil a pouca identificação dos alunos do Ensino básico com o patrimônio histórico e cultural. O grande objetivo da difusão da Educação Patrimonial está na constituição dos espaços de diálogo com o Ensino de História na Educação Básica, oportunizando aos estudantes instrumentos de informação e comunicação sobre o patrimônio local, aguçando o interesse e a curiosidade das crianças e adolescentes. O uso do patrimônio como instrumento de ensino de História e memória, bem como a construção das narrativas da História pública são fundamentais para que o patrimônio histórico e cultural seja acessível, faça parte do mundo real do cidadão e do estudante.

Acreditamos que a Educação Patrimonial e as políticas públicas de patrimonialização devem estar em total sintonia com a cultura popular com os lugares de memória de cada indivíduo, de cada família, de cada localidade, portanto, há necessidade de autocrítica por parte da História, com a percepção e a sutilidade necessária para reconhecer o protagonismo popular, sem sobrecarga de criticidade, comum entre nós Historiadores. Para o Historiador José Newton Coelho Meneses:

As políticas de patrimonialização, nem sempre têm a dimensão do saber popular e da cultura preservacionista presente no cotidiano dos homens. Partem do pressuposto de que é necessária a imposição legal e a educação patrimonial nos moldes arquitetados por um pensar intelectual sobre o espaço, o tempo, o bem, os valores, a

¹⁶ SILVA, Marcelle Rodrigues; CARMO, Carlos Alberto Antunes; RIBEIRO, Luan Barbosa. "Projeto Conhecendo Itabirito: Turismo Educacional para a Educação Patrimonial" Cadernos de Pesquisa do CDHIS v.33 | n.1 | jan./jul. 2020.

identidade, a vida. Arbitra e impõe formas de agir à distância e, quase sempre, ignora o saber local¹⁷

Outra discussão extremamente relevante para os Historiadores no século XXI é de até que ponto a monumentalização, ou seja, a escolha do “documento monumento” pelos estudiosos do Patrimônio é ainda sustentável sem o aprimoramento da Educação Patrimonial e da democratização da História Local. É inegável que o protagonismo das grandes massas e da cultura popular tem promovido constante ressignificação e problematização acerca do valor histórico do Patrimônio material e imaterial das cidades. O espaço público dinamizado, a ocupação plural desses espaços, podem e devem ser foco de políticas públicas e educacionais, promovendo a interação e a integração entre os indivíduos e grupos socioculturais. Nesse aspecto podemos nos deparar com o conceito de “museu afetivo”, que constitui em promover inquietações e curiosidade dos docentes acerca dos elementos da cultura material e imaterial.

[...] Francisco Régis Lopes em “A danação do objeto: museu no ensino de história” obra de 2004 propõe que o [...] professor em sala de aula, ou o orientador no museu, ou ambos em outros espaços educativos, orientasse uma pesquisa e escolhesse os objetos mais significativos para os alunos ou participantes e que a partir disso propusesse exercícios sobre a leitura do mundo através dos objetos escolhidos. No Museu Afetivo, os objetos são geradores de curiosidades, geradores de perguntas sobre si e sobre sua história e a de seus familiares e vizinhos, geradores de narrativas sobre si e sobre os objetos, gerador de múltiplas sensibilidades e emoções. A interlocução com o referido autor continua quando este aponta as relações entre o espaço museológico e a educação.¹⁸

A partir de uma melhor compreensão da pluralidade dos bens culturais podemos conquistar grandes avanços não só na multiplicação democrática dos inventários, tombamentos e registros, mas na preservação do Patrimônio Material e imaterial que remetem a História Local. As origens de uma cidade, povoado ou grupos culturais serão matérias de interesse coletivo, quando tal coletivo se identificar com a construção da História e da cultura locais. Dessa forma, o “documento monumento” é ressignificado ao patamar de

¹⁷ MENESES, José Newton Coelho. “A VIVÊNCIA E A MUSEALIZAÇÃO DA VIDA. Experiências, memória social, interpretação do patrimônio cultural e museu.” XXVII Simpósio Nacional de História. Natal RN, Julho de 2013.

¹⁸ SUTIL, Nair. “Museu Afetivo e Ensino de História: Práticas de Memória Na educação escolar”. Anais eletrônicos XVI Encontro regional de História – Tempos de transição, ISSN 1808 – 9690. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016, p. 3.

várias categorias sociais e culturais, assim como, a cultura material será relacionada ao modus de vida contemporâneo nas cidades, bem como as formas de ocupação dos espaços públicos por vários segmentos socioculturais. Françoise Choay nos possibilita entender o quanto os monumentos são preponderantes no campo da Educação Patrimonial:

Começa-se pelo valor cognitivo, igualmente educativo, que se subdivide em uma série de ramos relativos aos conhecimentos abstratos e às múltiplas competências [...] Os monumentos são testemunhas irrepreensíveis da História. Por isso eles permitem construir uma multiplicidade de histórias – história política, dos costumes, da arte, das técnicas – aos mesmo tempo que auxiliam na pesquisa intelectual e na formação das profissões e dos artesanatos. Além disso, eles funcionam como introdução a uma pedagogia geral do civismo.¹⁹

Apesar da importância notória ao “documento monumento” uma autocrítica nos permite visualizar que a musealização de espaços urbanos, a partir de um viés preservacionista, significa por vezes, a negligência parcial, ou total da historicidade local. A singularidade é uma marca preocupante das cidades museais, que não podem e não devem ser colocadas em uma redoma. A História local dessa forma é inevitavelmente conduzida a contextos e elementos culturais esgotáveis, subsidiados pela “invenção do patrimônio urbano”. Se partirmos do pressuposto que a pluralidade sociocultural é uma das grandes chaves para a ressignificação da importância do patrimônio, quando elencamos de forma irretocável uma cidade como “museu a céu aberto” podemos incorrer no grave erro de negligenciar a multiplicidade e a historicidade local. Sobre os perigos da musealização e a “invenção do patrimônio urbano” Françoise Choay analisa:

A cidade antiga, como figura museal, ameaçada de desaparecimento, é concebida como um objeto raro, frágil, preciso para a arte e para a História e que, com as obras conservadas nos museus, deve ser colocada fora do circuito da vida. Tornando-se histórica ela perde sua historicidade.²⁰

As experiências como docente de História na Educação básica são preponderantes para percepção das potencialidades educativas do patrimônio.

¹⁹ CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Editora Unesp, São Paulo, 2006, p. 117.

²⁰ Idem, p. 191.

Perceber o interesse do alunado em conhecer aspectos sociais, culturais e políticos sobre o período colonial no Brasil nos impulsiona ao trabalho com a Educação Patrimonial. No entanto, o interesse específico em cidades brasileiras que tiveram o patrimônio arquitetônico preservado, entre as quais, Salvador, Ouro Preto, Diamantina, Petrópolis, nos aponta o tamanho do desafio colocado ao trabalho de História local. Muitos dos alunos se identificam com elementos culturais e históricos relacionados ao que eles denominam “Cidades Históricas” e desconsideram a riqueza cultural ao seu redor. Para o Historiador José Newton Coelho Meneses:

O bem com valor de patrimônio, qualquer que seja a sua natureza, tem menos a ver com as interpretações de historiadores, etnólogos, arqueólogos e mais ligação com o sentimento de herança, de legado, de identidade, embora não se possa diminuir o valor das interpretações acadêmicas. Essas devem seguir um percurso de identificação e submeterem-se, serem sensíveis, à memória social construída e em construção pelas comunidades que guardaram os bens interpretados.²¹

O desconhecimento da opinião pública acerca da Educação Patrimonial é outro grande desafio dos Historiadores e docentes que pesquisam sobre o tema. Se não houver na Educação Básica a introdução e ressignificação do que é Patrimônio e Educação Patrimonial nosso trabalho como Historiadores e patrimonialistas será cada vez mais árduo, uma vez que, as discussões a esse respeito na grande mídia estão intimamente vinculadas ao turismo comercial, sem grandes preocupações com a divulgação da pluralidade e dos aspectos culturais sustentáveis que envolvem o turismo. Na prática podemos experimentar as consequências desse desconhecimento em um trabalho de campo ou de estudo do meio frustrado. Se os docentes não se sentirem pertencentes, identificados aos elementos museológicos expostos, ou aos aspectos das culturas locais, as potencialidades do trabalho são nulas e os objetivos esvaziados,, o que ocorre constantemente em trabalhos de campo em Esmeraldas e em outras cidades mineiras.

²¹ MENESES, José Newton Coelho. “Todo patrimônio é uma forma de História pública?” In: *Que História pública queremos?* MAUAD, Ana Maria, SANTIAGO, Ricardo e BORGES, Viviane Trindade. (Orgs.). São Paulo, Voz e letra, 2020, p.75.

Em uma pesquisa desenvolvida pela UFG (Universidade Federal de Goiás) é possível ter a dimensão da necessidade de aproximarmos e entendermos cada vez mais a contribuição da História pública para a Educação Patrimonial:



Disponível em: https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/patrimonio-direitos-culturais-e-cidadania/edicao1-artigos/livros/4/artigo_7/a05.html - Acesso em: 31/10/2021

Disputar as narrativas é algo primordial para os Historiadores no século XXI, diante dos revisionismos e negacionismos a História pública se torna fundamental para a produção do conhecimento Histórico no Brasil. A aproximação entre a Historiografia e o Ensino de História na Educação básica é um passo valioso para maior proximidade entre a Educação Patrimonial e seu público. Ou seja, é preciso nos ater a diversos suportes de narrativas, para que possamos “publicizar a História”, e no caso específico de nosso tema, publicizar o Ensino de História e a Educação Patrimonial. José Newton Coelho Meneses aponta que:

O patrimônio sempre constrói narrativas de uma História pública. Narrativa, então, é entendida como forma partilhada de linguagem, construída no intercâmbio de relações humanas, de tempos e de espaços, de forma a dar sentido e significação histórica a eventos identitários de grupos sociais. No caso do patrimônio, como valor

identitário e como produto de dar a conhecer certos eventos e certas histórias, sua narrativa se identifica com o que entendemos como expressão intercambiada, social e publicamente, da História.²²

Além de toda movimentação acadêmica em torno da Educação Patrimonial, nos últimos anos tem-se observado a criação de jornadas pelo patrimônio, com inspiração em eventos na Europa, sobretudo na França, onde houve intensa movimentação turística com base nos eventos das *Journées du Patrimoine*. O IEPHA/MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais) promove desde 2009 eventos com a finalidade de promover o turismo cultural.

A Jornada do Patrimônio Cultural de Minas Gerais acontece desde 2009, e teve sua inspiração inicial na experiência francesa das *Journées du Patrimoine*. Criado na França em 1984, o evento se consolidou por marcar, de forma nacional e anualmente, um final de semana de mobilização popular em torno da valorização e preservação do patrimônio francês. O sucesso na França foi tanto que hoje a Jornada Francesa expandiu-se para todo o Velho Continente.²³

Apesar de o viés preservacionista ser ressaltado na apresentação, esses eventos têm foco no turismo cultural, desde sua origem francesa. E a problematização que devemos fazer é se há realmente harmonia entre o turismo e a preservação do patrimônio. François Hartog analisa os efeitos das *Journées du Patrimoine* na França, baseando-se em números de novos visitantes a cada ano :

Na França, desde 1983, as Jornadas do Patrimônio atraíram cada vez mais visitantes aos imóveis ditos do Patrimônio: mais de onze milhões em setembro de 2002. Estes resultados, devidamente estabelecidos e proclamados a cada ano pela mídia, são como um recorde a bater no ano seguinte. As Jornadas do Patrimônio têm se disseminado por todo o mundo e fala-se hoje, sobretudo através das iniciativas e das convenções da UNESCO, de universalização do patrimônio, enquanto que, a cada ano, se alonga a lista dos sítios do patrimônio universal da humanidade.²⁴

²² MENESES, José Newton Coelho. "Todo patrimônio é uma forma de História pública?" In: *Que História pública queremos?* MAUAD, Ana Maria, SANTIAGO, Ricardo e BORGES, Viviane Trindade. (Orgs.). São Paulo, Voz e letra, 2020, p.75.

²³ Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/noticias-menu/444-jornada-do-patrimonio-cultural-de-minas-gerais-acontece-durante-o-mes-de-agosto>. Acesso em: 30/10/2021.

²⁴ HARTOG, François. "Tempo e Patrimônio". *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.261-273, Jul/Dez 2006. Artigo recebido em 04/08/2005. Autor convidado. Tradução: José Carlos Reis/Departamento de História/UFMG.

1.2. Educação patrimonial e ensino de história local.

Pensando na ocupação e ressignificação dos espaços públicos nas cidades brasileiras e na contribuição do Ensino de História nesse aspecto, no Brasil ocorreram transformações nas últimas décadas do século XX, que possibilitaram grande impulso na produção historiográfica e considerável democratização no ensino de História. Esses aspectos abriram espaço para a inclusão de novos sujeitos históricos, culturais e sociais, além de novas perspectivas teóricas e metodológicas. Essas transformações no campo da História Local produziram inclusão, além de evidenciar ainda mais a pluralidade da cultura e do patrimônio material e imaterial no Brasil. Aryana Costa defende que após as intensas transformações no século XX:

Os avanços na investigação historiográfica atentaram para o fato de que uma História somente institucional, biográfica, masculina, política e elitista não dava conta dos desafios que se punham às pesquisas, aos objetos que se estudava. E as mudanças pelas quais passamos nas últimas décadas resultaram em novas pessoas reivindicando direitos, reafirmando e/ou reconstruindo suas identidades, e, portanto, querendo tornar-se visíveis. Além de pôr esses desafios aos Historiadores, isso também significou esses novos personagens como produtores de conhecimento.²⁵

As novas abordagens e possibilidades teórico – metodológicas na historiografia, sobretudo nas primeiras décadas do século XXI, buscam aproximar a História acadêmica do Ensino básico de História e ambas de uma “arena pública de discussões e de construções narrativas.” Esse processo ocorre em um contexto de necessidade extrema de ocupar espaços, disputar narrativas, defender a ciência e combater negacionismos e revisionismos. A Educação Patrimonial passa pelo conceito e pelo significado de História pública, uma vez que, o Patrimônio Histórico e cultural compõe um conjunto de elementos que constroem a memória de um grupo de indivíduos ou de uma localidade. Sobre as narrativas da História relacionadas ao patrimônio o Historiador José Newton Coelho Meneses aponta:

²⁵ COSTA, Aryana. “História Local”. Org. FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias: *Dicionário de ensino de História*. Rio de Janeiro, FGV, 2019, p.133.

É a narrativa patrimonial, vivencial e apresentada como experiência de si. Assim, orais, escritos, são discursos que alinham um tecido de memórias e de Histórias; conectam tempos e espaços na articulação de pessoas com as suas coisas. Construções edificadas, saberes, fazeres, lugares, indivíduos, cultos e outras formas de expressão compõe repertórios de experiências identificadoras, gerando narrativas de pertencimento que assumem caráter público e que, muitas vezes, dão unicidade a vários públicos.²⁶

As políticas de preservação patrimonial no Brasil tiveram início nos anos 1930 com a criação do Sphan²⁷ (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Havia uma seleção do que deveria ser considerado bem patrimonial dando valor excepcional a bens materiais, sobretudo arquitetônicos, principalmente igrejas e prédios públicos, com predominância nos Estados de Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Em Esmeraldas, Minas Gerais, observamos que, por longo período as preocupações com a preservação do Patrimônio arquitetônico foi deslocada apenas a fatores políticos e com viés social elitista. Apesar de se manter o culto a Santa Quitéria desde a fundação da Vila até a atualidade, o patrimônio arquitetônico da Igreja não foi preservado, ao contrário do que ocorreu com boa parte das cidades coloniais mineiras. Os casarões Santo Antônio e Veredas que mantêm as características preservadas no Município são relacionados a figura de José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, o Visconde de Caeté e sua conservação ocorre com recursos dos atuais proprietários, com pouca ou nenhuma contrapartida governamental.

O Visconde de Caeté, que nasceu no Casarão Veredas em Santa Quitéria, ganhou notoriedade por ser um nobre de descendência europeia, além de exercer cargos de magistratura relacionados à administração ao direito e da economia das minas e teve sua formação na Universidade de Coimbra em Portugal. José Teixeira da Fonseca Vasconcelos compôs a Primeira Assembleia Constituinte do Brasil, sua formação e sua fidelidade ao Imperador

²⁶ MENESES, José Newton Coelho. “Todo patrimônio é uma forma de História pública?” (Org.) BORGES, Viviane Trindade; MAUAD, Ana Maria; SANThIAGO, Ricardo (Orgs.) *Que história pública queremos? What public history do we want?* São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 73.

²⁷ O Sphan sofreu algumas reformulações ao longo do tempo e, atualmente, intitula-se Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Site oficial: www.iphan.gov.br. Acesso: 30/10/2021.

D. Pedro I rendeu-lhe a nomeação para o cargo de Primeiro Presidente da Província de Minas Gerais:

Já no dia 25 de Novembro daquele ano de 1823, expedia-se o Imperador Cartas Régias ao Governo Provisório da Província de Minas Gerais e ao Dr. José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, nomeando-o para o cargo de Primeiro Presidente Constitucional da Província, cujo a posse viria a se realizar no dia 29 de fevereiro de 1824, solenemente, na Igreja Matriz de N.S. do Pilar, em Ouro Preto.²⁸

O Casarão Veredas foi residência da família de José Teixeira da Fonseca Vasconcelos no século XVIII, e o Casarão Santo Antônio, construído nas primeiras décadas do século XIX, pelo Visconde de Caeté era utilizado como moradia e para despachos da Província de Minas Gerais, ambos são exemplos de bens patrimoniais arquitetônicos preservados no Município, com recursos privados dos atuais moradores. Os casarões Veredas e Santo Antônio estão na área rural do Município de Esmeraldas e sua preservação contrasta com os bens arquitetônicos do largo da Praça Getúlio Vargas, Centro Histórico do Município, que passou por profundas transformações arquitetônicas.

A fazenda Serra Negra também se constitui como um patrimônio arquitetônico preservado, pois era de posse de Ana Felipa de Santiago, cujo filho, Quintiliano José Silva, foi Presidente da Província de Minas Gerais, nomeado em 1827 e tornou-se importante figura política quiteriense no contexto imperial, em decorrência de sua formação na Universidade de Coimbra. Além disso, a Fazenda, que fica atualmente entre Esmeraldas e Betim próximo a Rodovia MG 060, foi foco de resistência no contexto da Revolução Liberal em 1942. Outro Filho de Ana Felipa de Santiago que seguiu a vida Política e teve participação no movimento liberal de 1842 foi José Jorge da Silva.

No livro “Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas” de Avelar Rodrigues, o autor trabalha de forma minuciosa as personalidades e acontecimentos da sociedade quiteriense, principalmente no século XIX. Apesar do rico aparato cultural e histórico do Município, a obra de Avelar

²⁸ RODRIGUES, Avelar. *Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Líthera Maciel Editora Gráfica Ltda, 2000, p. 56.

Rodrigues é uma das poucas que se dispõe a trabalhar o Patrimônio. A preocupação em inventariar e estabelecer vínculo da população com o Patrimônio Histórico é algo recente em Esmeraldas e coincide com a criação da Casa de Cultura, inaugurada em 2010. A instituição conta com rico acervo iconográfico de Santa Quitéria, atual Esmeraldas, doados por munícipes, como o Fotógrafo Odilon Quaresma. Além disso, o local promove encontros e formações sobre a cultura local. Atualmente a atuação de pessoas ligadas à cultura no Município tem sido exemplar, no sentido de romper com uma visão elitista de preservação do Patrimônio, sobretudo nos recentes levantamentos e iniciativas preservacionistas com relação à cultura material e imaterial. No entanto, consideramos que há muito por fazer, desta forma, nossa pesquisa e atuação nesse aspecto serão de fundamental contribuição para a valorização do Patrimônio Cultural de Esmeraldas.

Sobre o contexto da formação do Arraial de Santa Quitéria, com a doação de sesmarias as margens do Rio Paraopeba, ficaram evidentes as dinâmicas econômicas da região, voltada para agropecuária, mas, sobretudo, confluência de regiões mineradoras, como Sabará e Pitangui. Era uma região formada para o cultivo agropecuário, rota de passagem da riqueza aurífera e pousada para tropas. Nas estradas que ligavam as Minas, o comércio de víveres e as pousadas, fazendas erguidas, abrigavam uma população peculiar das Minas Gerais, sobretudo envolvendo aspectos culturais, além de um elitismo escravocrata e a influência política exercida pela posição socioeconômica. Ângelo Alvares Carrara apontou a dinâmica econômica da formação de povoados nessas regiões:

Há, contudo, um ritmo geral, não obstante as cartas concedidas entre 1710 e 1714, apenas cadastrarem alguns proprietários rurais da capitania, e flagrarem o primeiro movimento, [...] o da ocupação das terras dos distritos mineradores (Ouro Preto, Mariana, Caeté, Sabará, e em menor grau São João e São José Del Rei), também conhecido como 'minas gerais', do Caminho Novo (por onde transitava em número crescente pessoas e mercadorias em demanda das minas), o Caminho Velho, a região da Serra das Vertentes e os Currais situados especialmente nos Vales dos rios das Velhas e Paraopeba.²⁹

²⁹ CARRARA, Ângelo Alves. "Contribuição para a História Agrária de Minas Gerais – Séculos XVIII – XIX". Universidade Federal de Ouro Preto – Departamento de História – Núcleo de História econômica e demográfica, Série Estudos – 1, Mariana 1999, p. 23.

Pensando em estratégias voltadas a Educação Patrimonial, temos um grande desafio pela frente, uma vez que o centro histórico de Esmeraldas não conta com museus e a Casa de Cultura atende de forma muitas vezes precária, e tem a missão de salvaguardar grande parte do Patrimônio local. Nosso site nesse sentido pretende ser uma alternativa digital, tornando-se um legado permanente e estará em constante desenvolvimento com a contribuição de docentes e discentes de História da Educação básica. Experiências desenvolvidas com fundamental apoio bibliográfico e técnico do IPHAN tem contribuição decisiva nesta pesquisa e na continuidade de projetos envolvendo a Educação Patrimonial em Esmeraldas. Analisamos nossos passos a partir do trabalho desenvolvido pelo IPHAN nos últimos anos:

Nos últimos anos, multiplicaram-se iniciativas educacionais voltadas à preservação patrimonial. Ao se adotar a expressão Educação Patrimonial, uma grande variedade de ações e projetos com concepções, métodos, práticas e objetivos pedagógicos distintos foi realizada por todo o país. Não obstante a extrema pertinência e a importância dos resultados alcançados por essas iniciativas, nem sempre se discerne uma orientação programática definida, subjacente a esse conjunto heterogêneo: ações pontuais e esporádicas de promoção e divulgação se acotovelam com propostas educativas continuadas, inseridas na dinâmica social das localidades; projetos e encontros, materiais de apoio, cadernos temáticos e publicações resultantes de oficinas se misturam a práticas significativas em que esses materiais não constituem um fim em si mesmo; ao contrário, compõem partes de processos educativos.³⁰

A estruturação da Educação Patrimonial e projetos de preservação do patrimônio são preponderantes antes de desenvolver iniciativas voltadas ao Turismo Cultural. Há necessidade de projetos educacionais voltados a atividade turística sustentável. O turismo sem planejamento estratégico compromete as edificações e a arquitetura local, é possível observar em Municípios com maior alcance turístico que os quintais do casario são transformados em piscinas e áreas de lazer das hospedagens. Em algumas Cidades, as ruas calçadas normalmente são danificadas devido ao trânsito de veículos de cargas e transporte de pessoas. Algumas experiências mal sucedidas, como no caso da Cidade mineira de Tiradentes são observadas pelo Historiador José Newton Coelho Meneses:

³⁰ IPHAN. *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional, 2014, p.19

Diria que o patrimônio cultural, em Tiradentes, necessita urgentemente de uma ação de re-conhecimento e de promoção preservadora que, com certeza, estimularia uma atividade turística mais sustentável. Esse processo só seria possível com um ampliado trabalho comunitário de planejamento e promoção do turismo, aliado a ações do poder público local que privilegiassem um planejamento estratégico com vistas ao presente e ao futuro da localidade. O passado que se comemora em Tiradentes não é, por si só, suficiente para garantir a sustentabilidade de sua promoção turística.³¹

Em Esmeraldas MG, percebemos uma construção identitária recente entre o Patrimônio histórico e cultural e a promoção do turismo. As festas religiosas, o carnaval e as comemorações da emancipação do município atraem turistas, principalmente da região metropolitana de Belo Horizonte, é há pouco ou quase nenhum interesse desses turistas pela História da cidade, bem como de seus elementos culturais. A própria população tem características itinerantes, uma vez que muitos trabalhadores rurais buscam emprego na região, geralmente vindos de outras regiões do Estado e do país. A característica de rota de passagem continua presente em Esmeraldas desde a fundação Da Vila de Santa Quitéria, no entanto, essas características não diminuem o potencial cultural e a riqueza constituída pelo patrimônio histórico do Município.

A Educação Patrimonial nas abordagens recentes nos impulsiona a deixar a monotonia e ir a campo com nossos alunos, dividir com eles o protagonismo na produção do conhecimento histórico. Em Esmeraldas, o engajamento com o Patrimônio é muito recente, e a integração entre Cultura e Educação é fundamental para ampliar esse engajamento. Nossa inquietação e nossa problematização parte da necessidade do Ensino de História entrar nas disputas de narrativas envolvendo o Patrimônio e a memória em Esmeraldas.

As recentes metodologias sobre o trabalho com Educação Patrimonial e História Local nos abrem um grande universo de possibilidades, sobretudo a partir da multiplicidade da musealização, da ressignificação do “documento monumento”, onde a cultura material, a imaterial, o patrimônio natural e paisagístico são integrados as novas interpretações. A interdisciplinaridade, a descentralização de conceitos e interpretações são

³¹ MENESES, José Newton Coelho. *História e Turismo Cultural. Belo Horizonte, Autêntica, 2004, p. 65.*

fundamentais para um bom trabalho e sobretudo, bons frutos com a Educação patrimonial. Para Aryana Costa:

História local não precisa ser somente a História da cidade ou do Estado, muitas vezes feita nos mesmos moldes de uma História nacional – ou seja, uma listagem de prefeitos/governadores ou de pessoas tidas como importantes, muitas das vezes pela sua condição social privilegiada. Para um melhor aproveitamento dos recortes possíveis, o trabalho com História Local precisa da mobilização de conceitos comuns também à Geografia, como os de paisagem, região, território. Eles servem como guias para a delimitação dos objetos de estudo, conferindo inteligibilidade ao tema/espço/recorte selecionado.³²

Entender a Cidade como representação de aspectos socioculturais, bem como, reconhecer o seu papel dinâmico, plural, é parte fundamental da didática da Educação Patrimonial. O patrimônio material jamais estará dissociado da cultura imaterial, da circulação e ocupação populacional. A ocupação de Esmeraldas e de Minas Gerais, no século XVIII está inicialmente relacionada a fatores econômicos do sistema colonial português, no entanto os aspectos socioculturais que se formaram, nos mais de trezentos anos das Minas Gerais, são fundamentais para a leitura do espaço urbano e da ocupação dos seus diversos espaços a partir de vários lugares de memória e identidade.

Entender a cidade como representação do social significa pensar nos matizes do comportamento humano, uma vez que ela se constitui em materialidades – construtos patrimoniais –, e imaterialidades, decorrentes dos significados das práticas cotidianas conferidos pelos atores sociais ao longo do processo histórico. Sendo assim, o conceito de lugar pode ser entendido como resultado de práticas cotidianas e de processos de identificação que os atores sociais possuem em relação aos espaços de sociabilidade e vivência cultural. Dessa maneira, o lugar funciona como suporte da memória coletiva e da identidade social. Nesse entendimento, a memória é elemento fundamental da construção identitária. Para Pollak (1992), as identidades se constroem a partir de visões do passado, que funcionam como pontos de referência para determinados grupos e fornecem coerência, no tempo, a seus quadros de representação simbólica. Desse modo, a memória é um processo de ordenamento, de produção de sentido, que pressupõe enquadramentos, esquecimentos e silêncios.³³

³² COSTA Aryana. “História Local” in: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. Dicionário de ensino de História. Rio de Janeiro, FGV, 2019.

³³ SANTANA, Gisane Souza e SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. “ Identidade, Memória e Patrimônio: A festa de Sant’Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA).” DOI:

O ensino de História e a Educação Patrimonial são ferramentas importantes e exercem protagonismo nos projetos preservacionistas e de inventariado do patrimônio. O turismo sustentável é dependente de políticas públicas e educacionais voltadas para a preservação patrimonial, acreditamos que a projeção responsável e sustentável do turismo em Esmeraldas pode impulsionar o desenvolvimento econômico e educacional no município. Consideramos que em consonância com a produção acadêmica, com políticas desenvolvidas pelo IPHAN e pelo IEPHA, podemos promover um salto cultural, de conhecimento histórico e patrimonial em Esmeraldas. Nosso trabalho se constitui nesse importante contexto de construção de conhecimento e esperamos que contribua decisivamente para resultados positivos na Educação básica da cidade.

CAPÍTULO 2 – A OCUPAÇÃO DA PRAÇA DA MATRIZ E O PATRIMÔNIO MATERIAL: DA VILA DE SANTA QUITÉRIA A ESMERALDAS

2.1-Da Vila de Santa Quitéria a Esmeraldas

A expansão do território da América portuguesa, promovida pelos Bandeirantes no final do século XVII culminou com a descoberta de ouro nas terras correspondentes ao atual Estado de Minas Gerais. Às margens do Rio das Velhas a exploração aurífera se intensificou entre o final do século XVII e o início do XVIII. Inicialmente a estrutura de ocupação da região aurífera foi precária, no entanto, a necessidade de regras de ocupação e de abastecimento de víveres foi estabelecida nos primeiros anos do século XVIII. A região onde foi fundada a Vila de Santa Quitéria em meados dos anos 1730 fica próxima ao Rio Paraopeba e se constituiu como importante fornecedora de alimentos para a região mineradora, além de rota de passagem e pousada entre a Vila de Pitangui e Vila Rica. Naquele contexto, além da agricultura, houve em Santa Quitéria a formação de um centro comercial, favorecido pelo fluxo de pessoas.

Quando o metal começou a escassear nos cursos d'água, os mineiros passaram a procurá-lo nos tabuleiros à sua margem, onde surgiram as primeiras catas, para depois subirem, gradativamente, pelas encostas dos vales e pelos morros até atingir seu alto, com as chamadas "catas altas". Tais instalações determinaram o enraizamento dos trabalhos de extração e a fixação da povoação. Paralelamente, o comércio consolidou-se, aglutinando-se ao redor dos maiores núcleos populacionais, enquanto a agropecuária foi se desenvolvendo e as roças, os currais e os pousos à beira dos caminhos deram origem a outros povoados. Foi assim que nasceram e evoluíram os primeiros arraiais mineiros³⁴

A concessão de sesmarias originou-se principalmente da necessidade de abastecimento de víveres, que era feita nas primeiras décadas pelas tropas oriundas da Bahia, de São Paulo e do Rio de Janeiro. Como pudemos observar na citação acima, os arraiais surgem na medida em que a estruturação da exploração aurífera demanda. No entanto, além de subsidiar a exploração aurífera, as Vilas e Arraiais foram fundamentais para

³⁴ COSTA, Simone. "As vilas mineiras setecentistas: O caso de Vila Rica". Urbana: Rev. Eletrônica Cent. Interdiscip. Estud. Cid. Campinas, SP v.10, n.1 [18] p.160-184 jan./mai. 2018, p.161.

a diversificação e desenvolvimento da economia em Minas Gerais no período colonial. Alguns estudos apontam que a mudança de posse da terra naquele contexto foi constante, assim como ocorria com a posse de escravizados, o que nos permite entender que a atividade agropecuária e o comércio impulsionaram o surgimento de povoadamentos, como no caso de Santa Quitéria.

Esse lugar ocupado pelas concessões explica-se pela poderosa fundação que é a própria natureza da economia mineira colonial: as terras mudavam de mãos a um ritmo muito acelerado. Mais do que em qualquer outro lugar do Brasil, a propriedade fundiária em Minas Gerais [...] As concessões sesmarias efetuadas entre 1710 e 1711 tão somente flagraram parte da estrutura fundiária da Capitania nesses anos. A rapidez com a propriedade trocou de mãos, que as próprias concessões informam, tornaram as sesmarias instrumentos menores de acesso à terra[...]³⁵

Como já abordamos anteriormente, a História de Esmeraldas não é explorada como deveria pela historiografia, a obra considerada referência sobre o Município é “Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas” de Avelar Rodrigues. O autor tem formação em Letras e Direito e foi membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais a partir de 1993. Oriundo de Esmeraldas e com grandes interesses na área de História, em sua obra, Avelar desenvolveu minuciosa e rica pesquisa sobre a História do Município.

De acordo com o escritor, em 1724, João Ribeiro de Vasconcelos adquiriu terras do Sargento – Mor Domingos de Moura Miguéis na região que foi Fundada Santa Quitéria uma década mais tarde. Em 1725 João Ribeiro de Vasconcelos vendeu as terras a Antônio Barbosa Leão, que já havia recebido do Governador da Província, Dom Lourenço de Almeida, terrenos de sesmarias na região do Rio Paraopeba. João Ribeiro Vasconcelos devoto de Santa Quitéria, Santa portuguesa, solicitou licença para construção de uma capela em homenagem a Santa.³⁶

³⁵ CARRARA, Ângelo Alves. “Contribuição para a história agrária de minas gerais — séculos XVIII e XIX”. Série Estudos, 1 Núcleo de História Econômica e Demográfica Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana 1999, p. 12 e 13.

³⁶ RODRIGUES, Avelar. *Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Líthera Maciel Editora Gráfica Ltda, 2000, p. 27 e 28.

No entanto, João Ribeiro Vasconcelos vendeu as terras em 1733 para Antônio Barbosa Leão, que concluiu a construção em 1735, doando três quartas de alqueire a Paróquia. Apesar da construção de muros de pedras para cercar o terreno, logo ocorreram invasões e, incapazes de conter esse processo, houve aceitação por parte da Igreja em conceder terras aos mais pobres. Além disso, a região passava a ter grande circulação de pessoas, sobretudo fazendeiros das cercanias que vinham assistir as missas. Percebendo o aumento do povoado ao redor da Capela, um lavrador da região solicitou autorização para erguer uma venda, e apesar da recusa o fez de forma ilegal durante a madrugada, a oitenta metros em frente à capela. A venda pertenceu a Rafael Veneroso de Antônio e herdeiros e, apesar de modificações na estrutura, existiu até 1965, onde atualmente funciona uma Cooperativa agropecuária e um Posto de abastecimento de Combustíveis.³⁷

Em 1735, tendo como base a capela de Santa Quitéria, e utilizando o nome da Santa padroeira, surgiu o Arraial, atualmente o Município de Esmeraldas³⁸. A Praça Getúlio Vargas, nome atual da Praça da Matriz, era doação do terceiro proprietário das terras, sendo que o primeiro as recebeu como sesmeiro e as vendeu e assim sucessivamente até chegar às mãos de Antônio Barbosa Leão. A transição da posse de terras nas Minas setecentistas foi intensa, assim como ocorreu a diversificação econômica e a necessidade de intervenção política da Metrópole para a legalização das propriedades:

Antes de tudo, em Minas Gerais, as cartas de sesmarias devem ser consideradas como garantias a posses já lançadas ou a terras já compradas. O objetivo da política adotada pelo governo da Capitania na década de 1730 e 1740 (Ordem Régia de 14 de abril de 1738 e Bando de 13 de maio de 1738) tornando nulas todas as posses que se lançassem depois da publicação destas 12 normas não era outro senão o de legalizar as posses. Dever-se-ia atentar de imediato para o fato de os peticionários alegarem indistintamente ora o título de primeiro povoador (o que traduzia em bom português o *ius primi occupantis*), ora o ter comprado a terra de um primeiro povoador. Em

³⁷ Idem, p. 29 e 30.

³⁸ Por força do Decreto Lei nº 1.058, de 21/12/1943, ocorreu à mudança de nome do Município de Santa Quitéria para Esmeraldas. Disponível em: <https://www.esmeraldas.mg.gov.br/historia-de-esmeraldas> acesso em 10/06/2022.

ambos os casos, o lançamento de posses estava na origem do acesso à propriedade.³⁹

Propusemo-nos a analisar a Praça Getúlio Vargas, a partir da formação do Arraial, em torno da Capela de Santa Quitéria. Um espaço que se constituiu pela devoção a Santa Portuguesa e pelas necessidades de abastecimento da região mineradora, mas, sobretudo, em um contexto em que a posse de terras era restrita a sesmeiros ou compradores. No entanto, algumas famílias “sem terra” ocuparam parte da grande propriedade doada para a construção da Capela. Esses posseiros, bem como o comércio clandestino construído a oitenta metros da Capela, foram primordiais para formação do Arraial, apesar de, nas narrativas da História oficial, não haver protagonismo desses grupos sociais no acesso a terra.⁴⁰

As narrativas oficiais sobre a História da Vila de Santa Quitéria e de Esmeraldas destacam o protagonismo a figuras políticas da região, que, de fato são ilustres personagens da História esmeraldense. Uma das personalidades mais celebradas no Município é José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, o Visconde de Caeté, nascido no Casarão Veredas em 18 de Outubro de 1766. Formado em Direito na Universidade de Coimbra, José Teixeira da Fonseca Vasconcelos exerceu cargos de administração pública na Capitania de Minas Gerais a partir de 1817. Ganhou ainda mais prestígio Político na regência de D. Pedro, após a Independência em 1822 e a Assembleia Constituinte em 1823 foi o escolhido pelo Imperador D. Pedro I como primeiro Governador da Província de Minas Gerais, cargo em que foi empossado no mês de Fevereiro de 1824. Posteriormente, Vasconcelos foi agraciado com os títulos de Barão em 1825 e após sua investidura no cargo de Senador do Império em 1826, foi intitulado Visconde.⁴¹

³⁹ CARRARA, Ângelo Alves. “Contribuição para a História Agrária de Minas Gerais – Séculos XVIII – XIX”. Universidade Federal de Ouro Preto – Departamento de História – Núcleo de História econômica e demográfica, Série Estudos – 1, Mariana 1999, p. 11 e 12.

⁴⁰ RODRIGUES, Avelar. *Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Líthera Maciel Editora Gráfica Ltda, 2000, p. 28.

⁴¹ Idem, p. 41 a 57.



Imagem 1: Casarão Veredas: Fotografia do Professor Paulo Pimentel http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoApresentacao.aspx?cod_destino=357 acesso em: 14/07/2020.

Alguns patrimônios materiais tombados e preservados em Esmeraldas têm relação com o Visconde de Caeté como a Escola Estadual “Visconde de Caeté”, que leva seu nome e ocupa posição privilegiada no largo da Praça Getúlio Vargas. A Escola foi instalada no largo da Matriz em Junho de 1908 e é um dos bens materiais mais preservados no Município.



Imagem 2: Fotografia do Grupo Escolar “Visconde de Caeté” em 1908. <https://lucineyesmeraldas.wordpress.com/2016/06/21/escola-estadual-visconde-de-caete-comemora-108-anos-de-historia/> - Acesso em 10/10/2021.



Imagem 3: Fotografia de 2016 da Escola Estadual "Visconde de Caeté" . <https://lucineyesmeraldas.wordpress.com/2016/06/21/escola-estadual-visconde-de-caete-comemora-108-anos-de-historia/> - Acesso em 10/10/2021.

O Casarão Santo Antônio, construído na estrada que leva ao distrito de Urucuia, a poucos quilômetros do Centro Histórico de Esmeraldas foi construído entre 1818 e 1822, servindo como residência e palácio de despacho ao Presidente da Província de Minas Gerais, José Teixeira da Fonseca Vasconcelos. O imóvel, atualmente passa por processo de restauro e apesar de ser de propriedade privada, há possibilidade de visitação.



Imagem 4: Fotografia do Casarão "Santo Antônio". Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.

Apesar da contribuição do Visconde de Caeté para a História de Esmeraldas e de Minas Gerais, e seu protagonismo nas obras que versam sobre a História do Município, cabe observar que esses bens reiteram uma narrativa tradicional do patrimônio, referendando uma perspectiva de uma história do ponto de vista das elites. Buscando outra compreensão, nesse trabalho procuramos diversificar os estudos sobre as origens de Esmeraldas, bem como de seu Patrimônio Histórico e Cultural a partir da Praça Pública, para assim, dar vozes a outros protagonistas que ocupam e ocuparam esses espaços, disputam e disputaram as narrativas. O inventariado recente do patrimônio material e imaterial de Esmeraldas nos desvenda uma região que forneceu e fornece muito mais que víveres para Minas Gerais, com enorme diversidade cultural, a antiga Vila de Santa Quitéria possui riquezas patrimoniais a serem exploradas pela educação, pela cultura e pela academia.

Sobre o patrimônio material do Centro Histórico de Esmeraldas, destacam-se atualmente a Escola Estadual Visconde de Caeté, localizada à Praça Getúlio Vargas, nº 320, Centro, Esmeraldas, MG, que foi tombada pelo Patrimônio Municipal de acordo com o Decreto nº 33/2004 e um casarão construído na segunda metade do século XVIII, onde funcionava o Hotel São José e na parte frontal cômodos comerciais. O imóvel encontra-se em precário estado de conservação, foi inventariado pelo Município no ano de 2003, mas ainda não é tombado. A construção está desocupada há algumas décadas. Os herdeiros alegam não ter condições financeiras para o restauro e atualmente o Ministério Público do Estado de Minas Gerais intervém, pois por sua localização e riscos de desabamento, ameaçam a integridade de transeuntes. São recorrentes os desabamentos e demolições do casario colonial em Esmeraldas, o Hotel é o único imóvel remanescente na Praça Getúlio Vargas, uma vez que, a Escola Estadual Visconde de Caeté foi construída em 1908. Os casarões da Praça deram lugar a imóveis comerciais e poucas residências que não preservaram as características arquitetônicas originais.



Imagem 5: Imóvel do antigo Hotel e comércio São José. <https://lucineyesmeraldas.wordpress.com/fotos-de-esmeraldas-mg/> acesso em 22/05/2022.



Imagem 6: Imóvel do antigo Hotel e comércio São José. Fotografia de Adriano Mendes da Fonseca, Produzida em Março de 2022.

As famílias pobres que ocuparam o entorno da Capela, o comerciante que ergueu sua vendinha clandestina, não tiveram registro de propriedade, portanto, não há registros de terrenos em seus nomes. No entanto, o legado deixado pelos primeiros povoadores do núcleo urbano de Santa Quitéria se faz presente na Praça e na ocupação populacional que se desenvolveu no entorno dela. O largo da Matriz se constituiu entre os séculos XVIII e XXI como centro comercial, de passagem e de festividades religiosas. As famílias da periferia e do Morro no século XXI e os primeiros povoadores são exemplo de resistência e luta, assim como, os comerciantes, que

movimentam a economia da Cidade seguem o legado do primeiro comerciante que construiu sua venda no arraial. A Praça Getúlio Vargas constitui o Centro comercial, político, religioso e cultural de Esmeraldas no século XXI, e assim como ocorria nas Minas Gerais setecentistas, continua sendo território de passagem e pousada, atualmente para proprietários de sítios, chácaras, visitantes de Hotéis fazendas e propriedades rurais em geral.

2.2 – O patrimônio material da Matriz de Santa Quitéria

Diferentemente do que ocorreu em várias outras cidades coloniais de Minas Gerais, tais como Ouro Preto e Diamantina, em Santa Quitéria, atual Esmeraldas, não houve preservação do patrimônio material da Igreja. A capela construída na primeira metade do século XVIII, já em ruínas, foi substituída por uma construção maior erguida no mesmo lugar, contando com doações de moradores e fazendeiros da região. Segundo Avelar Rodrigues, a partir de análise de documentos eclesiásticos a nova construção foi consagrada em 24 de Julho de 1785:

[...] Verificou-se sua consagração em 24 de julho de 1785. Pelo Pe. José Teixeira Rabelo da Silva, comissionado pelo Bispo de Mariana, Dom Domingos [...] Quando demolida a primitiva capela, seu único altar, bem como a imagem da santa padroeira, foram depositados na Casa de Caridade local, outrora existente no terreno contíguo à direita do prédio da Clínica Santa Quitéria, na Rua Benedito Valadares, tendo o altar sido desmontado e consumido com a demolição da Casa de Caridade por volta de 1960, transferindo a imagem para outra Igreja Matriz, quando consagrada.⁴²

Como podemos observar, da Capela erguida na primeira metade do século XVIII, apenas a Imagem de Santa Quitéria trazida de Portugal por João Ribeiro de Vasconcelos foi preservada como patrimônio material, uma vez que, o altar foi destruído em 1960. A Matriz consagrada em 1785, com algumas características arquitetônicas barrocas, era rica em ouro e Prata e possuía três altares, além de contar com pinturas no teto e paredes representando a santa padroeira. No entanto, a construção passou por uma reforma em meados do século XX, na qual cobriram boa parte das pinturas e ampliaram suas

⁴² RODRIGUES, Avelar. *Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Líthera Maciel Editora Gráfica Ltda, 2000, p. 34.

dimensões. A consagração pós-reforma ocorreu em dezembro de 1941, quatorze anos antes de sua completa demolição em 1955. Assim como ocorrera no século XVIII com a capela, boa parte os objetos e altares não foram preservados para posteridade.



Imagem 7: Fotografia da Matriz de Santa Quitéria, demolida em 1955. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.

É perceptível a partir dos bens da Igreja Matriz, a pouca preocupação com a preservação do patrimônio material em Esmeraldas, as demolições foram e são comuns e corriqueiras no Município, a preocupação com o patrimônio histórico é recente e o processo de inventariado e investimento tardios continuam a consumir os bens materiais na região. Para Avelar Rodrigues:

Nem todos imbuem, infelizmente, da importância de se preservarem os valores históricos e culturais de um povo. Estamos os vivos, destruindo o legado dos mortos, sepultando nossas próprias raízes [...] Torna-se prejudicada a elaboração do futuro, passa-se a não compreender o presente e perde-se a lembrança de valorosas tradições, bem como o sentimento da continuidade histórica. Se isso é verdade, verdade também é que poderia ter sido conservado muito de tudo quanto laboriosamente nossos antepassados construíram. Mas não o soubemos fazer, lamentavelmente. Disso decorre a

necessidade de nos conscientizarmos desse processo de desintegração, para sabermos evitá-lo, na compreensão de que o progresso não subentende, necessariamente, o sacrifício da História.⁴³

Em 1957, foi consagrada a nova e atual construção da Matriz de Santa Quitéria, com características inspiradas nas obras do Arquiteto Oscar Niemayer, a construção traz apenas a imagem da padroeira como bem material preservado, mas a localização é a mesma que explica a origem do povoado no século XVIII. Localizada a Praça Getúlio Vargas a Matriz Católica é cercada por Prédios comerciais, pela Prefeitura, Câmara Municipal, Fórum, Banco do Brasil, Bradesco, uma Escola e uma Igreja Neopentecostal, a Universal do Reino de Deus. Na parte frontal da Igreja têm amplo jardim, bancos para descanso, um coreto e brinquedos infantis.



Imagem 8: Fotografia da Matriz de Santa Quitéria, consagrada em 1957. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.

⁴³ RODRIGUES, Avelar. *Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Líthera Maciel Editora Gráfica Ltda, 2000, p. 37.

Uma das permanências consideráveis em Esmeraldas desde a formação do arraial é a devoção a Santa Quitéria, a imagem trazida de Portugal no início do século XVIII foi salvaguardada, assim como as festividades em homenagem a santa católica.



Imagem 9: Imagem de Santa Quitéria em celebração na Igreja Matriz. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.

Nos arredores ainda existem alguns imóveis tombados como patrimônio histórico e cultural, entre os quais destacamos a Escola Estadual “Visconde de Caeté” e o Hotel São José, que se encontra abandonado e cercado por tapumes devido à periculosidade de desabamento. Atrás da Igreja formou-se um Bairro com topografia íngreme chamado popularmente de Morro pelos moradores, de acordo com narrativas populares, há uma diferenciação social entre os habitantes do Morro e da parte baixa do Centro Histórico, evidentes principalmente nas disputas de futebol amador e nas festividades religiosas e culturais. A Praça é movimentada e há circulação de pessoas de várias origens sociais, de outras regiões de Esmeraldas e de outros Municípios da região Metropolitana de Belo Horizonte. Grande parte das festividades religiosas, políticas e culturais ocorrem na Praça Getúlio Vargas.



Imagem 10: Fotografia aérea da Praça Getúlio Vargas, 2019. Disponível em: www.facebook.com/Divulgandominas/photos/a.8121799988381812688065764582919/type=3.

2.3 – A Praça Getúlio Vargas: espaço público de festividades, convívio e disputas políticas, culturais e sociais.

Assim como recebia moradores e fazendeiros dos arredores para festividades religiosas no período colonial, o largo da Matriz permaneceu com essa função nos séculos XIX e XX e prevalece atualmente como local de encontro, de passagem e de festas. As comemorações passaram por processo de transformação ao longo da História, algumas não ocorrem mais, outras foram modificadas. Nos séculos XVIII, XIX e em boa parte do XX no largo da Praça ocorriam festas religiosas, Congado, Folia de Reis Cavalhadas⁴⁴, e o entorno da Matriz era ocupado por centenas de pessoas de várias origens

⁴⁴ Festividades em que encenavam as lutas dos Cavaleiros Medievais em Praça pública.

sociais, que de acordo com Avelar Rodrigues, eram diferenciadas pelos trajes, elegantes para elite ou fora de moda, para os menos favorecidos.⁴⁵



Imagem 11: O Largo da Praça da Matriz de Santa Quitéria nos primórdios do Arraial, em desenho de Mario Neto no ano de 1990. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.

Em determinados contextos Históricos, entre os quais, no período da Ditadura Civil-Militar no Brasil entre 1964 e 1985, a Praça era utilizada para desfiles cívicos. Nas comemorações da Independência do Brasil em 7 de setembro, alunos de Escola pública desfilavam coordenados pela Polícia Militar, nesse contexto, havia protagonismo da Escola Estadual “Visconde de Caeté”, normalmente frequentada pela elite local. De acordo com lideranças comunitárias, a população do Morro, a juventude e as lideranças negras ficavam a margem, geralmente não eram bem aceitos no Largo da Praça.

⁴⁵ RODRIGUES, Avelar. *Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Líthera Maciel Editora Gráfica Ltda, 2000, p.215.



Imagem 12: Fotografia do desfile das Escolas Públicas de Esmeraldas MG, na comemoração da independência do Brasil, no dia de 7 de setembro de 1973. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.

A Fotografia acima foi tirada por Odilon Quaresma na comemoração da independência do Brasil, no dia de 7 de setembro de 1973, retrata um desfile das Escolas públicas da Cidade de Esmeraldas em comemoração pela Independência do Brasil. O Prefeito a época da fotografia era Sadi Alves Vieira, além de várias outras autoridades estavam presentes no evento no palanque montado na Praça “Getúlio Vargas”. As crianças das Escolas eram ensaiadas e coordenadas por Policiais Militares e as comemorações obedeciam a ritos, como hasteamento da bandeira Nacional e uma banda local tocava o Hino Nacional. Havia no evento muitas particularidades envolvendo a valorização do patriotismo e a ordem militarista. A participação das crianças era motivo de orgulho para as famílias. Os desfiles de 7 de setembro não ocorrem mais no Município.

A grande parcela de contribuição de Esmeraldas a economia agropecuária em Minas Gerais também motivava comemorações e festividades que ocupavam o largo da Praça, além de promover lideranças da região a órgãos representativos dos trabalhadores agrícolas. Uma comemoração muito tradicional em Esmeraldas MG ocorria no dia 25 de Maio, em que se comemora o dia dos Trabalhadores Rurais, a festa nos anos 1970, contava com participação de milhares de trabalhadores do campo, que traziam carros

de boi, havia cavalgada, desfile, banda de música e um palanque na Praça para receber as autoridades. Nas comemorações de 25 de maio nos anos 1970, os trabalhadores rurais homenageavam o Comendador José Maurício Silva, criador e Presidente do Sindicato dos Trabalhadores rurais de Esmeraldas e Presidente da FETAEMG - Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais entre 1968 e 1975. José Maurício era Trabalhador rural e cursou apenas o Ensino primário. No entanto, ele se destacou pela defesa dos direitos dos trabalhadores rurais e por sua participação em congregações católicas como a entidade São Vicente de Paulo. Ele foi um dos fundadores do único Hospital Público de Esmeraldas, O Hospital 25 de Maio que funciona atualmente com atendimento total pelo SUS.



Imagem 13: Comemoração do dia do Trabalhador Rural no dia 25 de maio, em meados dos anos 1970 e homenagem ao Comendador José Maurício Silva, criador e Presidente do Sindicato dos Trabalhadores rurais de Esmeraldas e Presidente da FETAEMG. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.

Pela sua influência entre os trabalhadores rurais, José Maurício recebeu homenagens da Ditadura Militar como Medalha de Comendador e de honra ao mérito entregue pelas mãos do Presidente da República, o General Emílio Garrastazu Médici. Apesar das comemorações não ocorrerem mais como nos anos 1970, José Maurício é lembrado como uma personalidade

importante de Esmeraldas e após sua morte recebeu homenagens, como na imagem a seguir em que várias crianças em um caminhão ornamentado trazem uma fotografia de José Maurício Silva em homenagem póstuma.⁴⁶



Imagem 14: Comemoração do dia do Trabalhador Rural em 25 de maio no final dos anos 1970 e homenagem póstuma ao Comendador José Maurício Silva, falecido em 1977. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.

Apesar de a exclusão social ter marcado boa parte de sua História, a população de Esmeraldas de alguma forma ocupa os espaços públicos e apresentam, por meio da ocupação do espaço público, críticas às autoridades, mesmo que no anonimato, uma vez que sempre temiam as perseguições políticas. Além dos blocos carnavalescos que normalmente trazem a tona críticas sociais e políticas, na semana santa esmeraldense, uma prática inusitada, marcou gerações e perdura até a atualidade. Durante a tradicional queima do Judas, ao som da banda de música local, além de apresentações folclóricas, versos anônimos são lidos aos presentes. Esses versos feitos por populares são denúncias que vão desde assuntos políticos e religiosos a

⁴⁶ RODRIGUES, Avelar. *Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Líthera Maciel Editora Gráfica Ltda, 2000, p.303 e 304.

relações extraconjugais de moradores. As sátiras representavam alegria para uns e desapontamento para os que eram satirizados, estando ou não presentes nos festejos.

Escrito em versos ritmados e lidos ao povo através de alto falantes, o testamento do Judas, é na verdade, a manifestação das impressões populares sobre qualquer pessoa ou fato passível de mais detida observação e que venha a ser farejado pelos “olheiros” anônimos. [...] E tome gozação, que tanto satiriza qualquer um do povo, quanto mais respeitáveis instituições e autoridades, que, aliás, são as mais visadas. Por Exemplo:

*Este ano eu cheguei, quente
E cheguei daquele jeito!
E já vou descendo o malho
No lombo do Prefeito...*

Outra:

*O Ex-Vigário foi-se embora
Foi de táxi ou de Impala.
Da casa paroquial
Levou o que coube na mala...⁴⁷*

Vem aí...

Queima do Judas

- Boneco do Judas, com os tradicionais versinhos de malhação *
- Rua de Lazer com pipoca, bala e algodão doce
- Boi da manta

E muito mais!!!

Dia 1 de abril de 2018: Domingo de Páscoa
Horário: 11h00
Local: Praça Getúlio Vargas

*Quer produzir e sugerir alguns versinhos?
Envie-os para o e-mail: esmeraldaspatrimonio@gmail.com

Realizado por:
INSTITUTO CULTURAL MELLO VIANNA

Apoiado por:
DIM BIKES
SECRETARIA ADJUNTA DE ESPORTES E JUVENTUDE
ESMERALDAS

⁴⁷ RODRIGUES, Avelar. *Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Líthera Maciel Editora Gráfica Ltda, 2000,p. 221.

Imagem 15: Panfleto e convite para a queima do Judas no ano de 2018 : <https://lucineyesmeraldas.wordpress.com/eventos-em-esmeraldas-mg-2018/> acesso em: 15/10/2021.



Imagem 16: Queima do Judas na Praça Getúlio Vargas.
Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.



Imagem 17: Queima do Judas na Praça Getúlio Vargas.
Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.

Desde o século XVIII todos os eventos e encontros, de Santa Quitéria a Esmeraldas, religiosos ou não, oficiais ou não, ocorrem no largo da Praça da Matriz. A exclusão social e o preconceito não impediram a ocupação desse “lugar de memória”. O carnaval, os festivais, as festas religiosas, os eventos envolvendo os trabalhadores agrícolas, as comemorações da data de emancipação do Município, feiras de artesanato, encontros da juventude, até alistamento militar ocorrem na Praça Getúlio Vargas.

No entanto, é perceptível uma ocupação tutelada, controlada da Praça, seja com o uso de força policial ou olhares atentos para posteriores perseguições políticas. Portanto, o esvaziamento dos movimentos sociais e culturais que ocorre em Esmeraldas pode ser compreendido na óptica apresentada por Michel Foucault em sua obra *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, na qual os governos e autoridades em geral exercem o controle sobre a população de forma a promover liberdades tuteladas, nas quais a delinquência e a ilegalidade são utilizadas de acordo com a conveniência das autoridades. Para Foucault:

A organização de uma ilegalidade isolada e fechada na delinquência não teria sido possível sem o desenvolvimento dos controles policiais. Fiscalização geral da população, vigilância muda, misteriosa, despercebida... é o olho do governo incessantemente aberto e velando indistintamente sobre todos os cidadãos, sem para isso submetê-los a qualquer medida coercitiva... ela não tem necessidade de estar escrita na lei.⁴⁸



Imagem 18: Carnaval nos anos 1980, blocos caricatos utilizam a festa de momo para protestar contra várias mazelas. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas

⁴⁸ FOULCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987 p. 307.



Imagem 19: Festival de Inverno em Esmeraldas em Julho de 2010. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas



Imagem 20: Grafiteiros no Festival de Inverno em Esmeraldas em Julho de 2010. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas



Imagem 21: Banda Euterpe Quiteriense na comemoração do Centenário da Emancipação de Esmeraldas. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas



Imagem 22: Alistamento Militar na Praça Getúlio Vargas. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas



Imagem 23: Homenagem a Guarda de Congo na Praça Getúlio Vargas. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas



Imagem 24: I Encontro Intermunicipal de Guardas de Congado 02/09/2001. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas



Imagem 25: Apresentação de personagem folclórico regional, Boi da Manta, nas comemorações da Semana Santa em Esmeraldas. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas

O final do século XX e as primeiras décadas do século XXI representaram e representam um marco para a luta pela igualdade social e racial em Esmeraldas MG. A Constituição cidadã de 1988 tem papel fundamental nesse processo, uma vez que, superados os rastros violentos da Ditadura Civil-Militar (1964 – 1985), movimentos sociais, culturais, políticos e intelectuais conquistaram direitos há muito tempo sufocados. Em Esmeraldas MG a adesão a mobilizações de rua envolvendo movimentos sociais e sindicais é pequena, haja visto que o medo das punições e perseguições políticas ainda prevalece em parte da população.

A Praça Getúlio Vargas, por representar o marco inicial da Cidade e de sua ocupação de forma nada convencional, se tornou o espaço de disputa, ocupada pelos três poderes e pela religião e ao mesmo tempo sendo referência para vários eventos. Apesar da tentativa de controle exercida pela presença de autoridades, movimentos sindicais, sociais, culturais e a população em geral devem ocupar cada vez mais o seu espaço no largo da Matriz, um campo de convivência, de religiões, de arte, de memória, mas, sobretudo de luta social.



Imagem 26: Prédio da Câmara Municipal e do Gabinete do Prefeito na Praça Getúlio Vargas. Fotografia do acervo pessoal de Adriano Mendes da Fonseca.



Imagem 27: Prédio do Fórum na Praça Getúlio Vargas. Fotografia do acervo pessoal de Adriano Mendes da Fonseca.

A Praça também é para o povo da periferia e do Morro, do Movimento Negro e das diversas manifestações culturais que são sufocadas pelo poder econômico. As comemorações do dia da Consciência Negra em 20 de Novembro de 2021 são grande exemplo da ocupação da Praça pelos movimentos sociais.



Imagem 28: Fotografia da passeata da Consciência Negra em 20 de Novembro de 2021 na Praça Getúlio Vargas. Fotografia do acervo pessoal de Rodrigo Adley.

O Fotógrafo responsável pela imagem acima, Rodrigo Adley Ferreira integra o Movimento Negro em Esmeraldas, é formado em História e foi por muito tempo coordenador da Casa de Cultura de Esmeraldas MG, além de conhecer como poucos o Patrimônio material e imaterial da Cidade. A imagem foi produzida em uma passeata organizada pelo MAE – Movimento Afro-Esmeraldense, do qual Rodrigo é membro e foi produzida no dia da comemoração do dia da Consciência Negra em 20 de Novembro de 2021.

Há grande dificuldade em estabelecer uma biografia mais complexa das imagens apresentadas, uma vez que, muitos autores e datas são desconhecidos. O acervo fotográfico da Casa de Cultura em Esmeraldas é diversificado e parte considerável foi doada da coleção do Fotógrafo Profissional Odilon Quaresma. Odilon dedicou-se a registros de eventos oficiais, sobretudo nos anos 1970 e 1980, como desfiles militares e datas comemorativas no município. Seu trabalho muitas vezes esteve relacionado à

atividade da sua Esposa, Professora da Escola Estadual “Visconde de Caeté”, mas como Profissional de referência em Esmeraldas ele fez trabalhos para a Prefeitura e para empresários locais.

O Professor e Ator Paulo Pimentel e o Historiador Rodrigo Adley são atuantes na Cultura Municipal, principalmente em atividades envolvendo o folclore, o teatro e a cultura afro brasileira, além de terem passado pela coordenação da Casa de Cultura. Ambos são responsáveis por boa parte dos registros e inventários patrimoniais em Esmeraldas. As fotografias de autoria de ambos tem um caráter essencialmente patrimonialista e de defesa da cultura e da pluralidade cultural esmeraldense, uma vez que buscam a valorização da diversidade e do reconhecimento da riqueza patrimonial do município de Esmeraldas MG.

Assim como nos eventos que envolvem as datas comemorativas da Consciência Negra, Os congados, os reisados os candomblés e as umbandas também ocupam seu espaço na Praça e reivindicam nesse local que normalmente foi marcado pela exclusão. As fotografias como ferramenta de análise nos possibilitaram perceber que há uma disputa de narrativas em curso, a partir da divulgação e registros fotográficos dos eventos e da ocupação dos espaços públicos em Esmeraldas. É importante salientar que há claro interesse de movimentos culturais, religiosos, políticos e sociais em valorizar seus pares e seus elementos simbólicos.

Em Nove de Julho de 2022, grupos religiosos de matriz africana convocaram uma manifestação em defesa da liberdade de culto, uma vez que, atos de intolerância religiosa têm sido recorrentes no Brasil e em Esmeraldas não é diferente. Na ótica dos defensores do patrimônio público e da diversidade a Praça é do povo, de todas as crenças e reivindicações, ou seja, representa a “quebra das correntes” do Brasil colonial e escravocrata, dessa forma, acreditamos que, apesar das demolições e da grande defasagem da cultura material, a Praça continua viva e Esmeraldas é um dos centros culturais mais importantes de Minas Gerais.

O Professor Clóvis Palhares, autor das fotografias abaixo é também organizador de eventos culturais e que envolvem a Educação Municipal, além disso, é atuante em religiões de matriz africana no município. A organização do evento, sua realização na Praça Getúlio Vargas e os registros do evento,

reforçam nossa tese de que há crescente interesse de grupos outrora excluídos em ocupar e disputar os espaços no município.



Imagem 29: Convite para Manifestação de luta pela liberdade de culto às religiões afro brasileiras, 9 de Julho de 2022.



Imagem 30: Fotografia da Manifestação de luta pela liberdade de culto às religiões afro brasileiras, 9 de Julho de 2022. Acevo particular: Clóvis Palhares

Entendemos que a identificação da população com o patrimônio histórico, seja material ou imaterial, está relacionada ao sentimento de pertencimento, a História Local só se constitui a partir da Educação Patrimonial. Dessa forma, se os espaços públicos ligados ao Patrimônio

estiverem restritos a uma mínima parcela dos habitantes e os trabalhos relevantes e de grande fôlego envolvendo Educação Patrimonial não fizeram parte dos programas curriculares e dos planejamentos anuais, não haverá possibilidade de formar cidadãos conscientes da importância do Patrimônio.

As ausências de políticas públicas e educacionais nesse aspecto afastam o desenvolvimento sustentável a partir do Turismo Cultural em Esmeraldas, e as alternativas econômicas no Município ficam cada vez mais reféns de atividades que atendem apenas ao mercado capitalista. Apesar da pouca preservação do Patrimônio material, Esmeraldas constitui importante centro cultural e histórico de Minas Gerais e do Brasil. Em função da recente preocupação com o Patrimônio imaterial ainda há muito trabalho para patrimonialização dos bens no Município. Por esse motivo acreditamos que nosso trabalho será muito importante para ampliar as discussões sobre Educação Patrimonial no Ensino básico.

CAPÍTULO 3 - EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM ESMERALDAS: O SITE COMO FERRAMENTA DE ENSINO, APRENDIZAGEM E DE POTENCIALIZAÇÃO CULTURAL E PATRIMONIAL.

<http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php>

Conforme já mencionado anteriormente, o produto de nossa pesquisa foi a elaboração de um site como ferramenta de educação patrimonial. Nele, propusemos uma leitura do Centro Histórico de Esmeraldas, suas construções, permanências e transformações ocorridas desde a formação da Vila em 1735. As pessoas que circulam os equipamentos e a relação entre eles nos possibilitaram a leitura e releitura daquele espaço urbano, suas histórias, memórias e patrimônios. A Vila de Santa Quitéria, criada por sesmeiros no século XVIII tinha como objetivos o fornecimento de víveres para os polos mineradores, mas, sobretudo, era rota comercial e de ligação entre Pitangui, Sabará e Vila Rica. A praça pública era território de passagem e desde sua formação houve exploração de seu potencial comercial. No século XXI a Praça Getúlio Vargas tem seu potencial comercial e religioso mantidos e o Centro Histórico é habitado pela elite comercial do Município. O status de território de passagem para propriedades rurais permanece e é responsável pela dinamização do comércio na região central.

O trabalho com as leituras da Cidade a partir de um espaço virtual nos permite dinamizar os estudos e ações educativas sobre o patrimônio e nos faz acreditar na ampliação de espaços voltados a preservação do Patrimônio. A Educação Patrimonial nesse aspecto é um passo inovador e fundamental para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares e formação continuada dos docentes e discentes. O Recurso do uso de imagens no espaço virtual coloca discentes e docentes da Educação básica em contato mais próximo com as discussões e disputas de narrativas sobre o Patrimônio histórico e cultural e reforça o sentimento de pertencimento e identificação com a História local. Percebemos a Cidade e seu Centro Histórico como um Museu a Céu aberto, mas pretendemos com o blog uma dinamização da Educação Patrimonial e de troca de experiências entre docentes e discentes da Educação básica. Para isso é fundamental os trabalhos de campo sendo responsáveis pela

alimentação contínua dos espaços virtuais. De acordo com Eucídio Pimenta Arruda:

As potencialidades de virtualização do museu podem se constituir em respostas para as autoras, na medida em que o museu virtual pode ser espaço de construção – por aquele que o visita. Construção no sentido lato, de manipulação de objetos tridimensionais que emergem da tela do computador; possibilidade de reorganização de um espaço temporal, de um fio que se tenta narrar em um museu físico – fio que se emaranha e cria novas tramas com o mover dos mouses, ora reorganizando os espaços criados, ora construindo o seu próprio espaço de observação do passado.⁴⁹

Ocupar os espaços virtuais e disputar as narrativas presentes nesses ambientes é fundamental para os Historiadores e para o Ensino de História no século XXI. Nós, docentes da Educação básica, nos deparamos cotidianamente com a necessidade de utilizar ferramentas tecnológicas para garantir o sucesso do Ensino e da aprendizagem em História, mesmo em espaços escolares sucateados. O perfil dos discentes mudou significativamente nos últimos 20 anos e somos desafiados constantemente a desenvolver estratégias de ensino mais próximas da realidade do alunado. É perceptível a perda de espaço que estamos enfrentando com a maior difusão da internet e dos smartphones, as possibilidades de conhecimento “saltaram os muros” das Escolas já há algum tempo, mas ainda produzimos a fonte de conhecimento Histórico mais segura para nossos alunos, nosso grande desafio e “saltar os muros” juntamente com eles. Para Eucídio Pimenta Arruda:

No caso da escola, alguns trabalhos demonstram que o perfil dos alunos tem mudado, sem que haja modificações significativas nas estratégias de ensino-aprendizagem do professor. Especificamente no caso do ensino da História, observamos que o desenvolvimento tecnológico contemporâneo apresenta uma série de artefatos culturais que modificam significativamente as relações que as pessoas possuem com o tempo e tempo histórico e, por conseguinte, com as formas como aprende a História.⁵⁰

⁴⁹ ARRUDA, Eucídio Pimenta. “Museu virtual, prática docente e ensino de história: apropriações dos professores e potencialidades de elaboração de um museu virtual orientado ao visitante.” Universidade Federal de Uberlândia Financiamento: CNPQ/FAPEMIG/PROPP/UFU. Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História 18, 19 e 20 de abril de 2011– Florianópolis/SC, p. 4.

⁵⁰ Idem, p. 5.

Para nós docentes de História, além do registro iconográfico, outros aspectos que envolvem o uso da fotografia no Ensino de História são extremamente importantes e relevantes na metodologia proposta para o uso de imagens e suas possibilidades de abordagem e ensino-aprendizagem. Maria Eliza Linhares Borges aponta que: “Para nós Historiadores, conhecer as condições de produção de um documento é tão importante quanto saber como ele circula e é absorvido pelos diferentes grupos sociais.”⁵¹ Nesse aspecto a autora se aproxima das abordagens propostas por Ana Maria Mauad, Ulpiano Bezerra de Menseses e Paulo Knauss, de que é fundamental analisar sistematicamente não apenas a imagem, mas o contexto em que foi produzida e as intenções que marcaram a produção da imagem em questão.

Boa parte das fotografias que utilizamos para construção do site e no texto, fazem parte do acervo público da Casa de Cultura de Esmeraldas e foram doadas pelo Fotógrafo Odilon Quaresma. Elas foram registradas em Esmeraldas, Minas Gerais entre os anos 1970 e 2000. Algumas fotografias anteriores a esse período faziam parte do acervo de Odilon, nos entanto, são de autoria desconhecida, além de grande parte das imagens não estarem datadas. Odilon Quaresma de Souza nasceu em Bela Vista de Minas MG, no entanto, residente em Esmeraldas MG no contexto das Fotografias. Odilon montou um estúdio fotográfico na sua própria residência em Esmeraldas. O nome de sua empresa era “Foto Lakolor”, que fazia fotografias de diversos eventos, em especial os que envolviam a Escola Estadual Visconde de Caeté uma vez que sua esposa, Edilce Alves de Souza era Professora dessa Escola. Além dos eventos, Odilon Quaresma fez várias fotografias de prédios públicos, Igrejas e casarões de Esmeraldas, quando se mudou para Belo Horizonte doou boa parte de seu acervo para a Casa de Cultura do Município. Ele foi Fotógrafo Profissional e reside atualmente em Belo Horizonte, MG, mas já aposentou de suas funções Profissionais. Abaixo o termo de doação do acervo fotográfico à Casa de Cultura de Esmeraldas, assinado pelo Senhor Odilon.

⁵¹ BORGES, Maria Eliza Linhares. História e Fotografia. Belo Horizonte, Autêntica, 2003, p. 102.

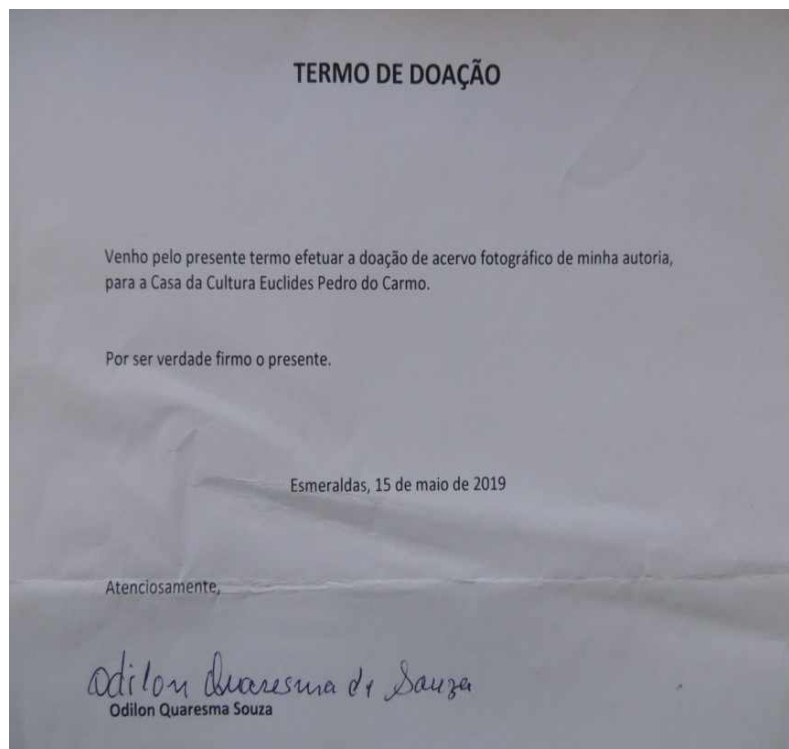


Imagem 31 - Termo de doação do acervo fotográfico de Odilon Quaresma de Souza para a Casa de Cultura de Esmeraldas em 2019.

Nosso planejamento inicial para o desenvolvimento do produto partia de um trabalho de Estudo do Meio com efetiva participação de discentes do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental. No entanto, o enfrentamento a Pandemia de Covid 19 promoveu o distanciamento social desde os primeiros meses do ano de 2020, se estendendo até o fim do ano de 2021. Dessa forma, não conseguimos desenvolver o trabalho de Estudo do Meio, portanto, nosso material e o site foram desenvolvidos a partir de demandas da comunidade escolar observadas por nós Professores. Apesar das mudanças de planos, viabilizamos ferramentas para que o nosso site possibilite contribuições da comunidade escolar em um processo de construção contínua de seu conteúdo.

O site <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php> foi estruturado para ser ferramenta de ensino e aprendizagem envolvendo a Educação Patrimonial em Esmeraldas, Minas Gerais, além de buscar contribuir com a divulgação e salvaguarda da cultura material e imaterial no município. Percebemos durante os trabalhos que com exceção das festividades católicas, os eventos culturais ocorridos na Praça Getúlio Vargas não tem ampla divulgação, assim como o Patrimônio material do Município não é divulgado de forma completa.

O site como ferramenta de ensino e aprendizagem tem por objetivo a inclusão de vários atores sociais e culturais na construção e na salvaguarda da História local em Esmeraldas. Pretendemos introduzi-lo como um projeto piloto da Educação Básica no município. Nossa pretensão é uma articulação do patrimônio local com a História do Brasil no período colonial, sobretudo com a exploração aurífera a partir do século XVIII, com a circulação de riquezas, produção e comércio de víveres nas vilas mineiras setecentistas. Além de docentes e discentes da Educação básica, a comunidade escolar e cultural terá amplo acesso a essa ferramenta, pretendemos constituí-la como legado para a posteridade. Estruturamos o site dividindo-o em abas temáticas. Na página inicial apontamos nossa metodologia de trabalho com as fotografias, além de estabelecermos o objetivo geral e os objetivos específicos:

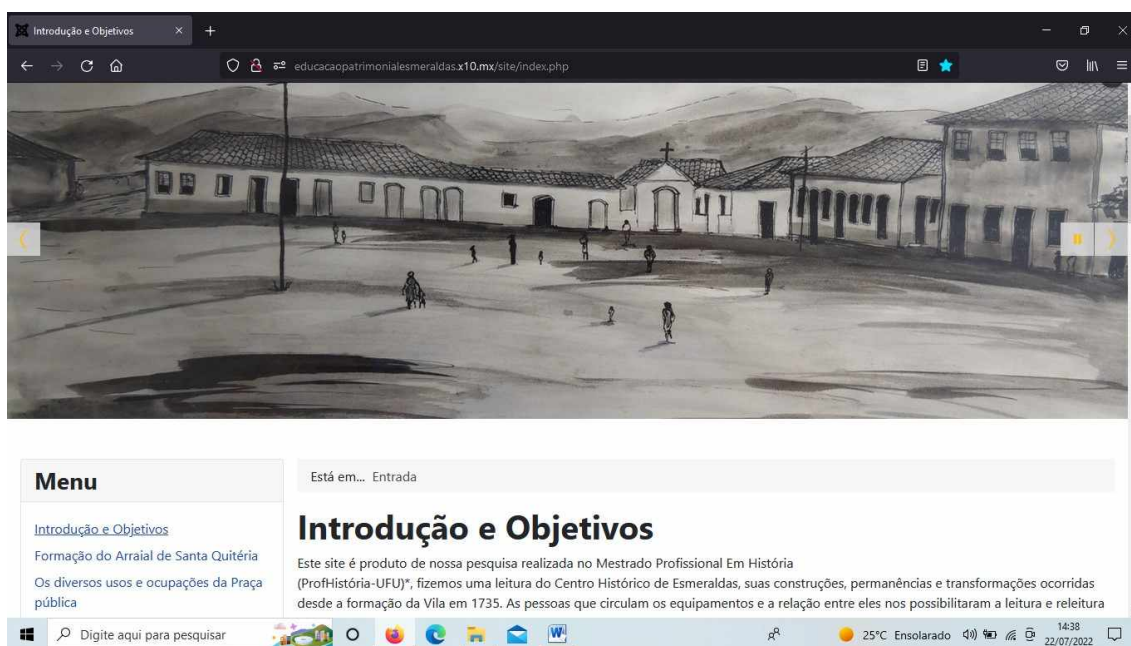


Imagem 32: Site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php>

Objetivo Geral

O site tem como objetivo geral ser uma ferramenta da Educação Patrimonial em Esmeraldas, sendo um legado para docentes e discentes da Educação Básica e com o propósito de constante construção coletiva da História, da memória e da riqueza patrimonial de Esmeraldas MG, a partir da contribuição de toda a comunidade escolar.

Objetivos específicos

- Possibilitar a análise das dinâmicas de formação do arraial de Santa Quitéria a partir da Praça da Igreja Matriz;
- Analisar e debater sobre o legado cultural dos primeiros povoadores do arraial de Santa Quitéria;
- Discutir sobre as dinâmicas de ocupação da praça e do centro histórico pelos diversos atores socioculturais;
- Discutir alternativas de preservação, salvaguarda e divulgação do patrimônio cultural de Esmeraldas, MG;
- Discutir alternativas políticas e econômicas de turismo cultural sustentável em Esmeraldas MG.

Em outra aba de conteúdo abordamos as peculiaridades da formação do Arraial de Santa Quitéria em meados do século XVIII, baseado na prática de sesmarias, na devoção católica à Santa Quitéria e a partir da Praça da Matriz. Em todas as abas de conteúdos existe a possibilidade de o visitante fazer comentários, o que nos possibilitará executar uma construção constante e coletiva de elementos e ferramentas de Educação Patrimonial.



Imagem 33: Site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/artigo-1>

Em outro tópico trabalhamos com os diversos usos e ocupações da Praça da Matriz. Importante salientar a partir dessa aba a pluralidade cultural em Esmeraldas, além de eventos oficiais como desfiles de 7 de setembro, comemoração do dia do trabalhador agrícola, semana santa, carnaval, é possível observar a ocupação sistemática do espaço público pelas culturas de matriz africana, e de festejos religiosos marcados pelo sincretismo. As fotografias nesse sentido são importantes ferramentas educacionais e de salvaguarda. Os fotógrafos desses eventos têm normalmente identificação cultural com a manifestação fotografada, ou seja, envolve o sentimento de pertencimento, mas, cabe a nós, ampliar as discussões no âmbito escolar do quanto é rica essa pluralidade cultural, assim como, é rico o patrimônio material, paisagístico e imaterial em Esmeraldas.



Imagem 34: Site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/os-diversos-usos-e-ocupacoes-da-praca-publica>

Em uma aba de conteúdo denominada “localização” utilizamos a ferramenta dinâmica do *Google Maps* para possibilitar aos visitantes do site a precisa localização da Praça Getúlio Vargas e de Esmeraldas na região metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais e no Brasil. Essa localização é fundamental para visualizar a antiga Santa Quitéria dentro da rota de comércio e regiões mineradoras do século XVIII, entre as atuais Pitangui e Sabará e Ouro Preto. O mapa em modo *Google Street View* permite o visitante a navegar pela Praça em sua configuração atual, assim como, estender essa visita virtual em outros locais e caminhos que queira explorar.

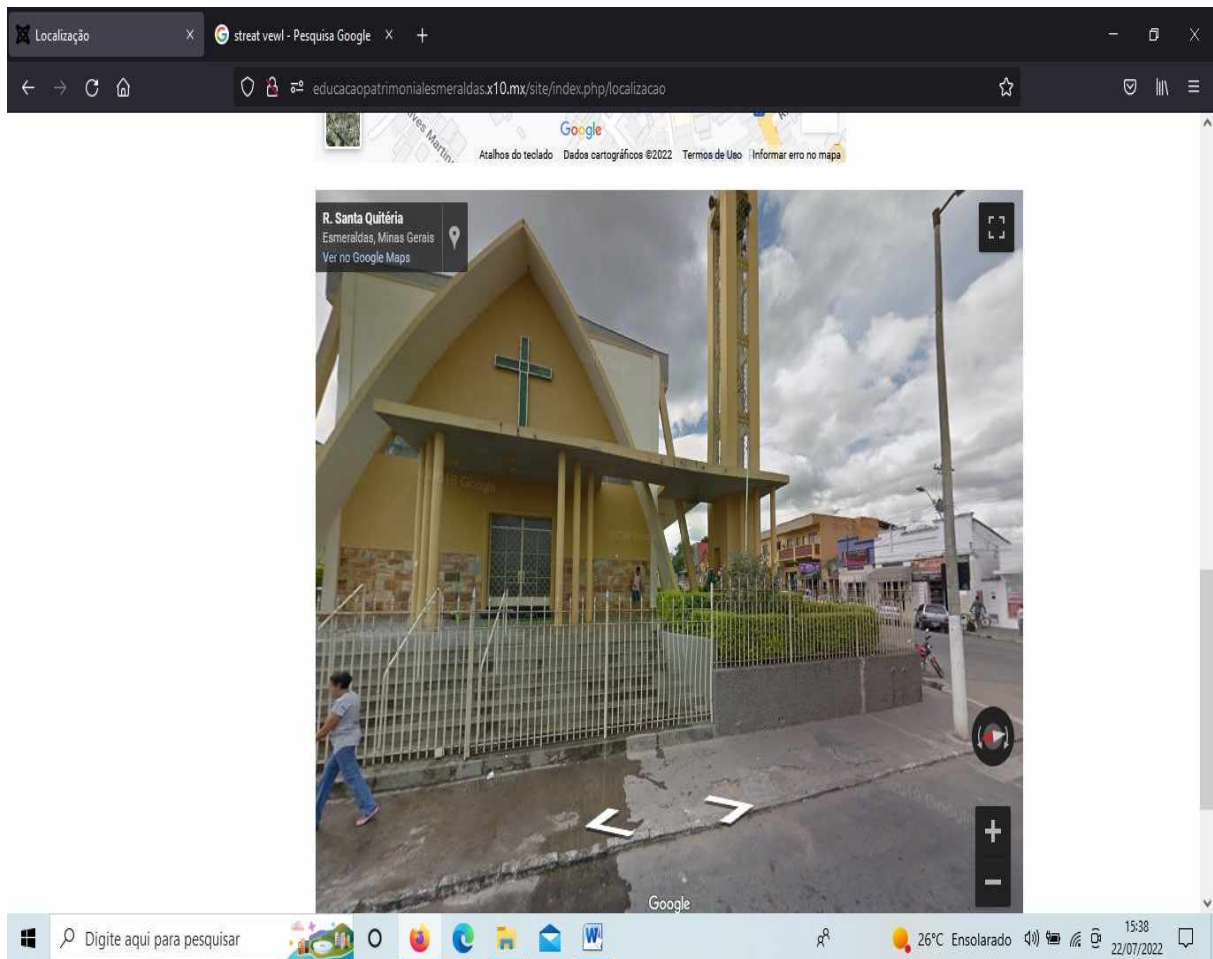


Imagem 35: Site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/localizacao>

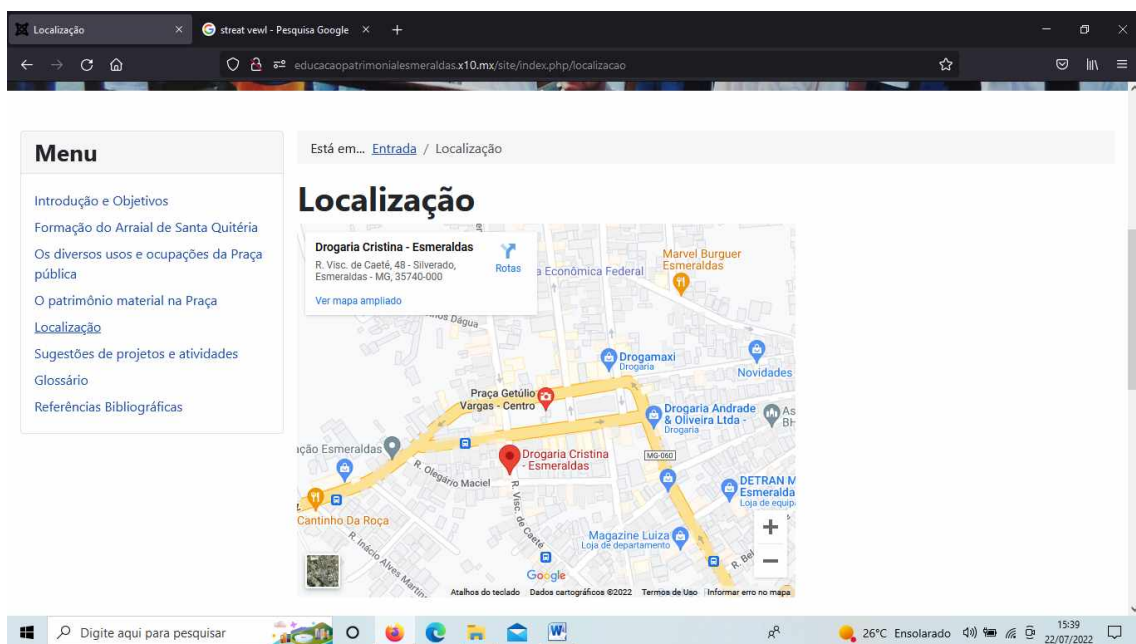


Imagem 36: Site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/localizacao>

No tópico Sugestões de projetos e atividades temos propostas de atividades envolvendo a História e a cultura locais, no entanto, a partir do campo “comentários” qualquer visitante poderá sugerir novas atividades, trabalhos e novos elementos sobre a cultura material, paisagística e imaterial de Esmeraldas MG.

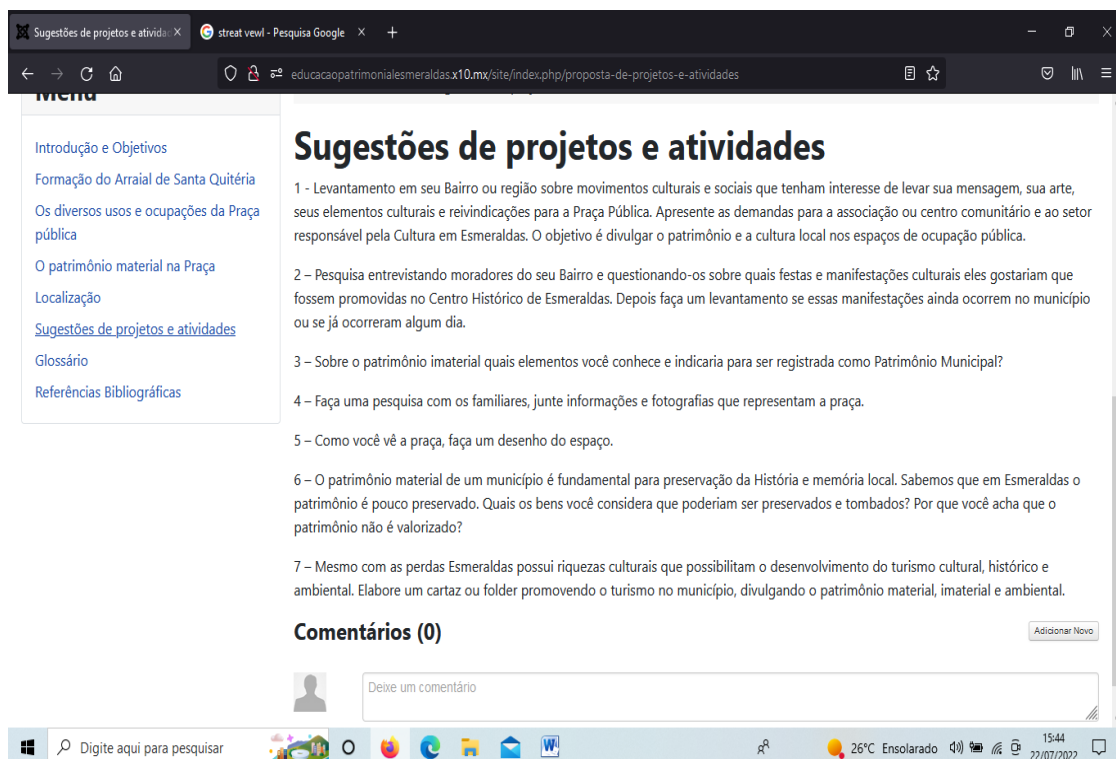


Imagem 37: Site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/proposta-de-projetos-e-atividades>

A partir da constatação que a minoria considerável dos munícipes, inclusive Profissionais da Educação, desconhecem as legislações e órgãos reguladores do Patrimônio, desenvolvemos também um Glossário contendo significados e conceitos fundamentais envolvendo o tema.

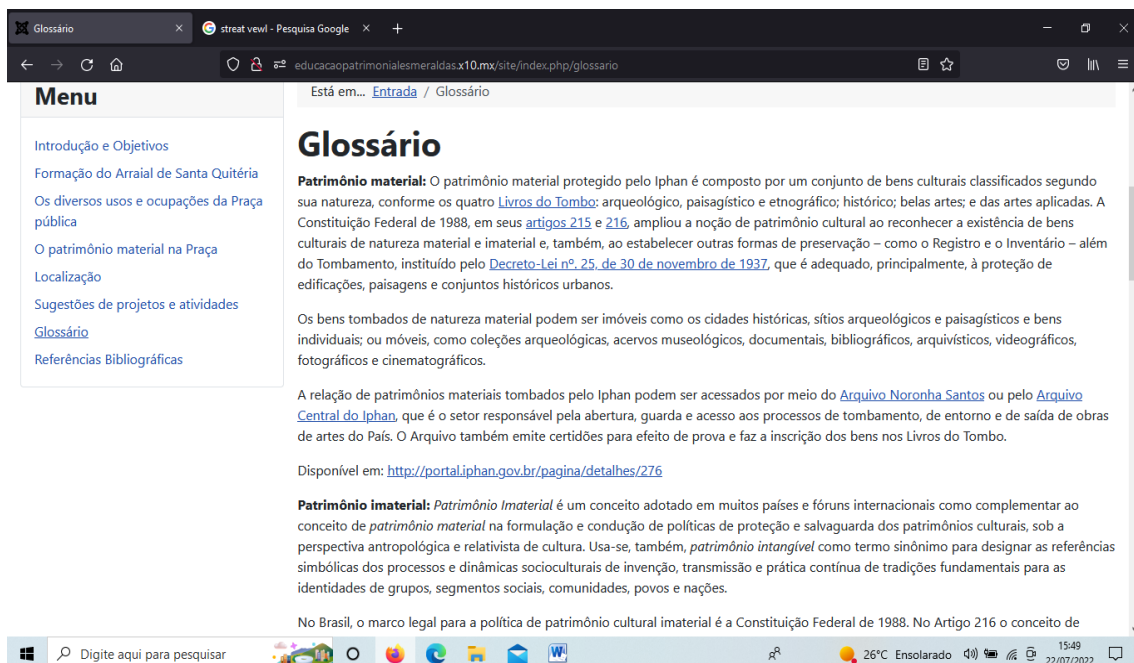


Imagem 38: Site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/glossario>

Nas referências bibliográficas inserimos as referências a todas as fontes e bibliografia utilizadas na pesquisa, inclusive links de acesso aos órgãos reguladores do Patrimônio em Minas Gerais e no Brasil.

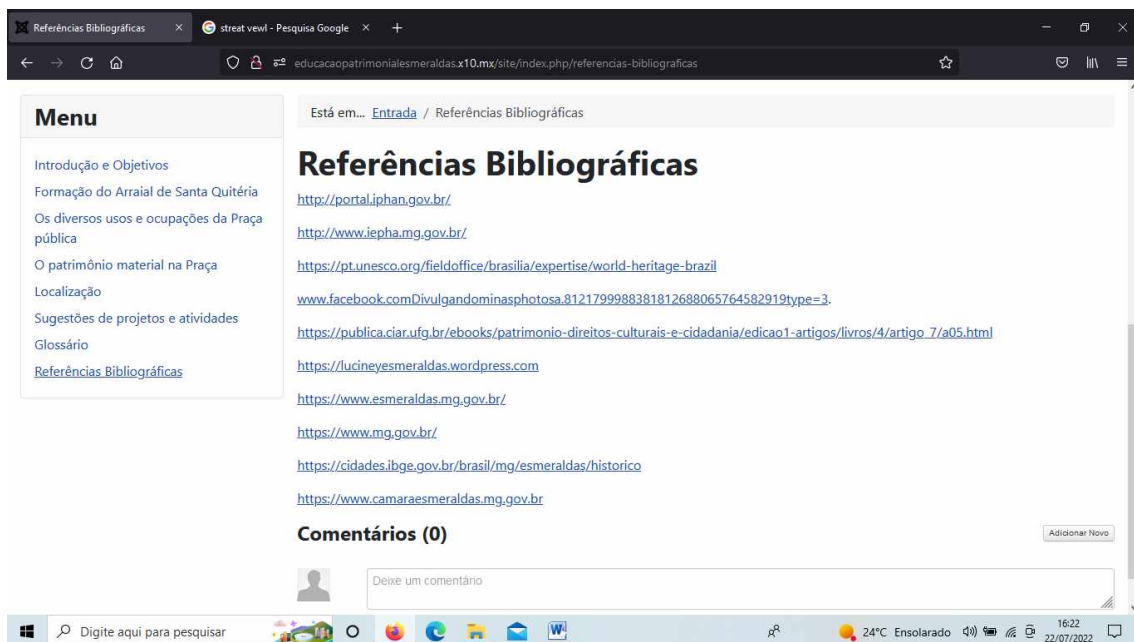


Imagem 39: Site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/referencias-bibliograficas>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa visão e percepção sobre o patrimônio e sobre a Educação patrimonial passou por profundo enriquecimento a partir desta pesquisa. Muitas vezes somos levados a valorização de bens patrimoniais sem a devida compreensão dos significados dinâmicos e vivos que esses bens têm e podem ter em seu contexto social, cultural, político, econômico e histórico. Por excessivo saudosismo, lamentamos demolições e a perda significativa de elementos culturais tradicionais, mas, direta ou indiretamente fazemos parte dessa máquina que tritura o patrimônio, muitas vezes por interesses econômicos e políticos.

Quem valoriza e traz significado aos bens patrimoniais somos nós, e na condição de docentes de História da Educação básica temos um papel ainda mais relevante na Educação patrimonial, promovendo junto com os discentes, com a comunidade escolar e com todos os munícipes a ressignificação do patrimônio, formando cidadãos com viés preservacionista e garantindo a salvaguarda da cultura e da História local.

O Município de Esmeraldas tem grande potencial cultural e rico patrimônio histórico, no entanto, o que percebemos é que há falta de vontade política, convivência dos proprietários rurais e sitiantes, que não veem vantagens no crescimento cultural e até mesmo industrial do Município. Os investimentos em cultura são escassos e pessoas que se prontificaram a contribuir para mudar essa realidade, não tiveram o apoio político e as parcerias necessárias. Pela riqueza cultural de Esmeraldas, a cidade poderia intensificar as atividades de turismo cultural e divulgação dos seus bens patrimoniais e eventos culturais.

Do patrimônio material da cidade pouco restou, e as construções que ainda existem estão no processo de inventariado e ainda não tem tombamento. O antigo Hotel e Comércio São José, na Praça Getúlio Vargas, é o único exemplar do século XVIII presente no Centro Histórico e pelo que mostramos nesta pesquisa, está em ruínas. Os imóveis que passaram ou estão passando por restauro estão na zona rural de Esmeraldas e tem relação com a figura do Visconde de Caeté. Esses processos de restauro são conduzidos pelos atuais proprietários que têm identificação afetiva com os locais.

Apesar da transformação arquitetônica intensa, o Centro Histórico continua com características que remetem à formação do Arraial de Santa Quitéria em 1735, sobretudo quando nos referimos aos bens imateriais. A cultura imaterial tem cada vez mais buscado seu espaço na Praça pública, proporcionando a população mais alternativas artísticas, religiosas, de festejos, mobilizações sociais e culturais. O fato de a Praça ser polo comercial do Município, atividade que se iniciou logo nos primórdios do Arraial, atrai atenção de munícipes e visitantes de outros municípios da região metropolitana de Belo Horizonte.

A ocupação da Praça e do Centro Histórico é vigiada, tutelada, como já abordamos anteriormente. No entanto, devemos trabalhar para que prevaleçam as liberdades civis, de culto, de expressão, cultural e de circulação. Os movimentos não cristãos e de contestação política ainda não tem grande adesão local. Apesar disso, esse processo vem mudando significativamente nos últimos anos. Nesse aspecto a luta a nível nacional vem sendo pela preservação da democracia no Brasil. Os negacionismos, os discursos de ódio e o fundamentalismo religioso, mais latente nos últimos anos, vem preocupando a sociedade civil em geral e ameaçam de forma brutal a salvaguarda da cultura local e da sua pluralidade.

Acreditamos que diante da negligência à cultura material e imaterial em Esmeraldas, nosso trabalho, surge de forma inovadora, com uma discussão preservacionista de ressignificação da História local, dando voz a pluralidade e a multiplicidade de elementos da cultura quiteriense e esmeraldense. Pretendemos utilizar o site, produto dessa pesquisa, em um projeto piloto no município, como um canal de ensino - aprendizagem de divulgação, comunicação e levantamento de aspectos do Patrimônio cultural e histórico de Esmeraldas. A Praça Getúlio Vargas e o Centro histórico são do povo e sempre foram, desde a ocupação dos posseiros no século XVIII, ao grito por liberdade de culto, feito pelos candomblés, pelas umbandas e pelo Movimento Afro Esmeraldense (MAE) nos anos de 2021 e 2022.

FONTES EM ARQUIVOS PÚBLICOS

Arquivo da Prefeitura Municipal de Esmeraldas – Geral

Arquivo Público Mineiro – Códices: Sesmarias, registros paroquiais de terras, documentação avulsa e assuntos diversos.

Casa da Cultura do Município de Esmeraldas – Acervo documental e iconográfico.

FONTES EM SITES E BLOGS

www.iphan.gov.br

https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/patrimonio-direitos-culturais-e-cidadania/edicao1-artigos/livros/4/artigo_7/a05.html

<https://lucineyesmeraldas.wordpress.com>

<http://portal.iphan.gov.br/>

<http://www.iepha.mg.gov.br/>

<https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasilia/expertise/world-heritage-brazil>

www.facebook.com/Divulgandominasfotosa.8121799988381812688065764582919type=3.

https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/patrimonio-direitos-culturais-e-cidadania/edicao1-artigos/livros/4/artigo_7/a05.html

<https://lucineyesmeraldas.wordpress.com>

<https://www.esmeraldas.mg.gov.br/>

<https://www.mg.gov.br/>

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/esmeraldas/historico>

<https://www.camaraesmeraldas.mg.gov.br>

FONTES ICONOGRÁFICAS

Imagem 1 – página 40 Fotografia do Professor Paulo Pimentel - Casarão Veredas onde nasceu José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, cerca de quinze quilômetros da Praça Getúlio Vargas, acesso por estrada não pavimentada.

Está situado no caminho que liga Esmeraldas e Pitangui. Atualmente o casarão é de Propriedade privada e os proprietários não permitem visitação. Fotografia de Paulo Pimentel, Professor e coordenador da Casa de Cultura de Esmeraldas por longo período – disponível em: http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoApresentacao.aspx?cod_de_stino=357 acesso em: 14/07/2020.

Imagem 2 - página 40 Fotografia da Escola Estadual “Visconde de Caeté”

Blog do Luciney: Disponível em:

<https://lucineyesmeraldas.wordpress.com/2016/06/21/escola-estadual-visconde-de-caete-comemora-108-anos-de-historia/> - Acesso em 10/10/2021.

Imagem 3 – página 41 Fotografia da Escola Estadual “Visconde de Caeté” –

Blog do Luciney: Disponível em:

<https://lucineyesmeraldas.wordpress.com/2016/06/21/escola-estadual-visconde-de-caete-comemora-108-anos-de-historia/> - Acesso em 10/10/2021.

Imagem 4 – página 41 Fotografia do Casarão “Santo Antônio” acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas. A Casa de Cultura de Esmeraldas foi inaugurada em 2010 e conta com acervo iconográfico e documental do Município, doados por moradores e fotógrafos Profissionais. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.

Imagem 5 – Página 43 Imóvel do antigo Hotel e comércio São José. Fotografia disponível em: <https://lucineyesmeraldas.wordpress.com/fotos-de-esmeraldas-mg/> acesso em 22/05/2022.

Imagem 6 – página 43 Imóvel do antigo Hotel e comércio São José. Fotografia de Adriano Mendes da Fonseca, Produzida em Março de 2022.

Imagem 7 – página 45 Fotografia da Matriz de Santa Quitéria, demolida em 1955. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas. A Casa de Cultura de Esmeraldas foi inaugurada em 2010 e conta com acervo iconográfico e documental do Município, doados por moradores e fotógrafos Profissionais.

Imagem 8 – página 46 Fotografia da Matriz de Santa Quitéria, consagrada em 1957. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas. Autor: Altemiro Olinto Cristo, 2018.

Imagem 9 – página 47 Imagem de Santa Quitéria em celebra o na Igreja Matriz. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas, da cole o doada pelo Fotógrafo Odilon Quaresma.

Imagem 10 – página 48 Fotografia aérea da Praça Getúlio Vargas em Esmeraldas MG, ano 2019. Disponível em: www.facebook.com/Divulgandominasfotosa.8121799988381812688065764582919?type=3.

Imagem 11 – página 49 O Largo da Praça da Matriz de Santa Quitéria nos primórdios do Arraial, em desenho de Mario Neto no ano de 1990. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas.

Imagem 12 – página 50 Fotografia do desfile das Escolas Públicas de Esmeraldas MG, na comemoração da independência do Brasil, no dia de 7 de setembro de 1973, fotógrafo: Odilon Quaresma de Souza.

Imagem 13 – página 51 Comemoração do dia do Trabalhador Rural no dia 25 de maio, em meados dos anos 1970 e homenagem ao Comendador José Maurício Silva, criador e Presidente do Sindicato dos Trabalhadores rurais de Esmeraldas e Presidente da FETAEMG. Fotografia de meados dos anos 1970 do acervo do Fotógrafo Odilon Quaresma de Souza, doado para a Casa de Cultura do Município de Esmeraldas MG.

Imagem 14 – página 52 Comemoração do dia do Trabalhador Rural em 25 de maio no final dos anos 1970 e homenagem póstuma ao Comendador José Maurício Silva, falecido em 1977. Fotografia do final dos anos 1970 do acervo do Fotógrafo Odilon Quaresma de Souza, doado para a Casa de Cultura do Município de Esmeraldas MG.

Imagem 15 – página 53 - Panfleto e convite para a queima do Judas no ano de 2018. Disponível em: <https://lucineyesmeraldas.wordpress.com/eventos-em-esmeraldas-mg-2018/> acesso em: 15/10/2021.

Imagem 16 e 17 – página 54 Fotografia da Queima do Judas na Praça Getúlio Vargas. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas. Data e autor da Fotografia desconhecidos.

Imagem 18 – página 56 Carnaval nos anos 1980, blocos caricatos utilizam a festa de momo para protestar contra várias mazelas. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas. Data e autor da Fotografia desconhecidos.

Imagem 19 – página 56 Festival de Inverno em Esmeraldas em Julho de 2010. Festival de Inverno em Esmeraldas em Julho de 2010.

Imagem 20 – página 57 Grafiteiros no Festival de Inverno em Esmeraldas em Julho de 2010. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas. Julho de 2010, autor desconhecido.

Imagem 21 – página 57 Banda Euterpe Quiteriense na comemoração do Centenário da Emancipação de Esmeraldas. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas. 2001 autor desconhecido.

Imagem 22 – página 58 Alistamento Militar na Praça Getúlio Vargas. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas. Data e autor da Fotografia desconhecidos.

Imagem 23 – página 58 Homenagem a Guarda de Congo na Praça Getúlio Vargas. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas. Data desconhecida autor Odilon Quaresma.

Imagem 24 – página 59 I Encontro Intermunicipal de Guardas de Congado 02/09/2001. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas. Data 02/09/2001 autor da Fotografia desconhecido.

Imagem 25 – página 59 Apresentação de personagem folclórico regional, Boi da Manta, nas comemorações da Semana Santa em Esmeraldas. Acervo da Casa de Cultura de Esmeraldas. Data e autor desconhecidos.

Imagem 26 – página 60 Prédio da Câmara Municipal e do Gabinete do Prefeito na Praça Getúlio Vargas. Fotografia de Adriano Mendes da Fonseca – data: 28/05/2022.

Imagem 27 – página 61 Prédio do Fórum na Praça Getúlio Vargas. Fotografia de Adriano Mendes da Fonseca – data: 28/05/2022.

Imagem 28 – página 61 Fotografia da passeata da Consciência Negra em 20 de Novembro de 2021 na Praça Getúlio Vargas. Fotografia da passeata da Consciência Negra em 20 de Novembro de 2021 na Praça Getúlio Vargas. Fotógrafo: Rodrigo Adley Ferreira.

Imagem 29 – página 62 Convite para Manifestação de luta pela liberdade de culto às religiões afro brasileiras, 9 de Julho de 2022, na Praça Getúlio Vargas. Fotógrafo: Clóvis Palhares.

Imagem 30 – página 63 Fotografia da Manifestação de luta pela liberdade de culto às religiões afro brasileiras, 9 de Julho de 2022. na Praça Getúlio Vargas. Fotógrafo: Clóvis Palhares.

Imagem 31 – página 68 - Termo de doação do acervo fotográfico de Odilon Quaresma de Souza para a Casa de Cultura de Esmeraldas em 2019.

Imagem 32 – página 69 – Aba “introdução e objetivos” do site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php>

Imagem 33 – página 70 – Aba “Formação do Arraial de Santa Quitéria” <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/artigo-1>

Imagem 34 – página 71 – Aba os “diversos usos e ocupações da praça pública” – site <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/os-diversos-usos-e-ocupacoes-da-praca-publica>

Imagem 35 – página 72 – Aba de conteúdos “localização” – site <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/localizacao>

Imagem 36 – página 73 – Aba de conteúdos “localização” site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/localizacao>

Imagem 37 – página 73 – Aba “sugestão de projetos e atividades” – site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/proposta-de-projetos-e-atividades>

Imagem 38 – página 74 - Aba “Glossário” – site <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/glossario>

Imagem 39 – página 74 – Aba “Referências Bibliográficas” – site - <http://educacaopatrimonialesmeraldas.x10.mx/site/index.php/referencias-bibliograficas>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, Katia Maria. “A História nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula”.In: MONTEIRO, Ana Maria F.C; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. (orgs.) **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2007.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1995.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário da Terra e da Gente de Minas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura - Arquivo Público Mineiro, 1985.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. “**Roteiro da Bandeira de Fernão Dias Pais**”. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – Biênio 1973/4 – Vol. XVIII – Belo Horizonte, 1977.**
- BITTENCOURT, Circe. (org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo, Contexto, 2012.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2007.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo, Contexto, 2011.
- CARRARA, Ângelo Alves. “**Contribuição para a História Agrária de Minas Gerais – Séculos XVIII – XIX**”. Universidade Federal de Ouro Preto – Departamento de História – Núcleo de História econômica e demográfica, Série Estudos – 1 , Mariana 1999.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Editora Unesp, São Paulo, 2006.
- CHUVA, Márcia. “Entre vestígios do passado e interpretações da História. Introdução aos estudos sobre patrimônio cultural no Brasil”. In: CUREAU, S.; KISHI, S.; SOARES, I.(Org.). **Olhar multidisciplinar sobre a efetividade da proteção do patrimônio cultural**. Belo Horizonte: Fórum, 2011.

COSTA, Antônio Gilberto (Org). **Cartografia da conquista do território das Minas**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2004.

DROYSEN, Johann Gustav. “Arte e método” (1868). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **A História pensada: Teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. **Dicionário de ensino de História**. Rio de Janeiro, FGV, 2019.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História e Ensino de História**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOULCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Homens de Negócio: a interiorização da metrópole e do comércio nas Minas setecentistas**. São Paulo: Hucitec, 1999.

GIL, Carmem Zeli de Vargas e TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski (orgs.) **Patrimônio cultural e Ensino de História**. Edelbra, Porto Alegre, RS, 2014. <https://doi.org/10.5216/o.v15i1.34720>

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. 13ª ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Papyrus, 2012 (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

HARTOH, François. **Tempo e Patrimônio** VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.261-273, Jul/Dez 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752006000200002>

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional/Museu Imperial, 1999.

IPHAN. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional, 2014.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7ª edição revista – Campinas, SP, Editora Unicamp, 2013.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

MARTINS, Marcos Lobato: *História regional*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Novos temas nas aulas de História**. 1ª ed., 2ª reimp. São Paulo: Contexto, 2010.

MAUAD, Ana M.. **Como nascem as imagens? Um estudo de história visual**. *História. Questões e Debates*, v. 61, p. 105-131, 2014. <https://doi.org/10.5380/his.v61i2.39008>

MAUAD, Ana M.. “Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar” - *História da Educação*, v. 19, p. 81-108, 2015. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/47244>

MAUAD, Ana M.; KNAUSS, Paulo (Org.). *Tempo n° 14: “Imagem e cultura visual”*. 7. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. v. 1. 226p .

MENESES, José Newton Coelho. “**Todo patrimônio é uma forma de História pública?**” (Org.) BORGES, Viviane Trindade; MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.) **Que história pública queremos? What public history do we want?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

MENESES, José Newton Coelho. “**A VIVÊNCIA E A MUSEALIZAÇÃO DA VIDA**. Experiências, memória social, interpretação do patrimônio cultural e museu.” XXVII Simpósio Nacional de História. Natal RN, Julho de 2013.

MENESES, José Newton Coelho. **História e Turismo Cultural**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

NETO, Dilermando Pereira Torres. **Cidade, História e Memória: Educação Patrimonial em São Bento do Una – PE**. Dissertação de Mestrado profissional apresentada ao ProfHistória da Universidade Federal do Pernambuco UFPE, 2018.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5 n. 10, 1992.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Ensino de História e Patrimônio Cultural: Um percurso docente**. Paco Editorial, São Paulo, 2017.

PAIM, Elison Antônio e GUIMARÃES, Maria de Fátima (orgs.) **História, Memória e Patrimônio**. Paco Editorial, São Paulo, 2012.

RANKE, Leopold von. “O conceito de história universal” (1831). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **A História pensada: Teoria e método na historiografia europeia do século XIX**. São Paulo: Contexto, 2010.

RIBEIRO, Weigson Fernando e CARVALHO, Márcio Eurélio Rios. “O Poder Eclesiástico em Campanha (MG) e a Persistência do Patrimônio Edificado Religioso (1739-1825)”. Cadernos de Pesquisa do CDHIS v.33 | n.1 | jan./jul. 2020. <https://doi.org/10.14393/cdhis.v33n1.2020.55194>

RODRIGUES, Avelar. **Esmeraldas: Uma contribuição à História de Minas. 2ª ed.** Belo Horizonte: Líthera Maciel Editora Gráfica Ltda, 2000.

REIS, Liana; VALADARES, Virgínia. **Capitania das Minas em documentos.** Belo Horizonte: C/Arte Editora, 2012.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILATA, Luiz Carlos. **História de Minas Gerais - As Minas Setecentistas.** Vol. 1 e 2. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Ângela V. **Dicionário Histórico das Minas Gerais – Período colonial.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003. SALLES, F. T. Associações Religiosas no Ciclo do Ouro. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1963 (Estudos, 1).

RÜSEN, Jörn. “Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão”. In: _____. **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Organização de Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca e Estevão de Rezende Martins. Curitiba: Editora da UFPR, 2010.

SAINT-HILLIRE, Auguste. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

SAINT-HILLAIRE, Auguste. **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SANTANA, Gisane Souza e SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. “ Identidade, Memória e Patrimônio: A festa de Sant’Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA).” DOI: **10.12957/tecap.2015.16353.** *Textos escolhidos de cultura e arte populares,* Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 87-102, mai. 2015. <https://doi.org/10.12957/tecap.2015.16353>

SILVA, Marcelle Rodrigues; CARMO, Carlos Alberto Antunes; RIBEIRO, Luan Barbosa. “**Projeto Conhecendo Itabirito: Turismo Educacional para a Educação Patrimonial**” Cadernos de Pesquisa do CDHIS v.33 | n.1 | jan./jul. 2020. <https://doi.org/10.14393/cdhis.v33n1.2020.55172>

- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História.** *Intelligere*, Revista de História Intelectual, v. 3, n. 2, out. 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2017.127291>
- STARLING, Mônica Barros de Lima; SANTANA, **Metodologia de projetos. O patrimônio cultural no currículo do Ensino Médio.** In: Reflexões e contribuições para a educação patrimonial. Belo Horizonte. Secretaria de Estado da Educação/MG, 2002.
- SUTIL, Nair. **“Museu Afetivo e Ensino de História: Práticas de Memória Na educação escolar”.** Anais eletrônicos XVI Encontro regional de História – Tempos de transição, ISSN 1808 – 9690. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- TAUNAY, Affonso de E. **História das bandeiras paulistas.** São Paulo: Melhoramentos, 1961.
- ZANIRATO, Sílvia Helena. **Patrimônio e identidade: Retórica e desafios nos processos de ativação patrimonial.** Universidade de São Paulo, DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v13i25p7-33>, 2018.